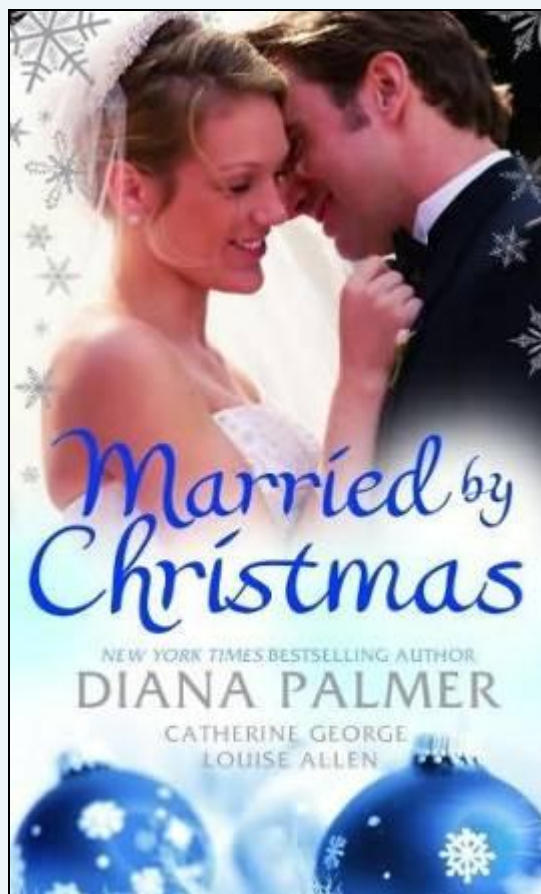




HOMEM DA NOITE SILENCIOSA

— Tony Danzetta e Millicent "Millie" Evans —

(Silent Night Man)

DIANA PALMER

Série Homens do Texas 40

Dezembro/2008

Sinopse:

O rico Tony Danzetta era alto, sombrio e perigoso; a tímida e calada bibliotecária Millicent Evans tinha sido apaixonada por ele durante anos, mas ele nunca a notara... Agora, Tony estava definitivamente consciente de Millie! Mas poderia a temporada de alegria uni-los contra todas as possibilidades?

OBS: O título do livro é uma alusão à canção natalina "Noite Feliz" (em inglês, "*Silent Night*"), visto que a história se passa na época do natal.



Traduzido e Revisado por:
🌸 Suelen Mattos 🌸
www.esnips.com/user/suelenmelzinha

Elogios à Diana Palmer:

"Ninguém faz melhor."

— Autora da lista de *best sellers* do *New York Times* Linda Howard

Autora de *best sellers* internacionais, **Diana Palmer** tem o dom de contar as mais sensuais histórias com charme e humor. Com mais de quarenta milhões de cópias de livros impressos, ela é uma das autoras mais amadas da América do Norte e considerada uma das escritoras de romance top dez na América.

Os passatempos de Diana incluem jardinagem, arqueologia, antropologia, iguanas, astronomia e música. Ela é casada com James Kyle há mais de vinte e cinco anos, e eles têm um filho, Blayne Edward.

Querida leitora,

Quando fui convidada para contribuir com uma história para a coleção "*Married by Christmas*", fiquei muito emocionada e imediatamente pensei em incluir um personagem do meu livro "*Coração de Aço*". O personagem era Tony Danzetta, mais conhecido como Tony o Dançarino.

Ele é misterioso e tem uma história com uma jovem bibliotecária que o adorava, mas um rival o alimentou com suas mentiras e os manteve separados. Agora o rival, seu melhor amigo, está morto, e Tony culpa Millie pelo seu suicídio. Quando a vida da Millie é ameaçada, cabe a Tony mantê-la viva. Mas ela "odeia" Tony e não o quer por perto.

Eu realmente amo estes *backgrounds* opostos. Eles realmente fazem romances adoráveis, especialmente no Natal, quando é tempo de pôr de lado as diferenças e aprender a conviver bem.

Eu espero que vocês gostem de "*Homem da Noite Silenciosa*". Eu gostei muito de escrevê-lo para vocês!

Com amor,

Diana Palmer

CAPÍTULO 1

NA CASA FUNERÁRIA o amigo do falecido era um homem grande, ricamente vestido que mais se parecia com um lutador profissional. Estava trajando roupas caras e um casaco de caxemira. Tinha pele de oliva, olhos e cabelos ondulados preto, que usava em um longo rabo-de-cavalo. Ele permaneceu sobre o caixão sem dizer uma palavra. Parecia indiferente. Parecia perigoso. Não falara com ninguém desde que entrara no edifício.

Tony Danzetta olhava fixamente para o caixão de John Hamilton com uma expressão de pedra, embora estivesse furioso por dentro. Era duro olhar para os restos mortais de um homem que conhecia e amava desde o segundo grau. Seu melhor amigo estava morto. Morto, por causa de uma mulher.

O amigo de Tony, Frank Mariott, lhe telefonara na casa do homem pra quem ele estava trabalhando temporariamente em Jacobsville, Texas. Tony tinha planejado ficar por ali mais um pouquinho, tirar algumas semanas de folga do trabalho antes de voltar ao seu verdadeiro emprego. Mas as notícias sobre John o mandaram correndo para casa em San Antonio.

Dos três, John tinha sido o elo mais fraco. Os outros dois eram sempre forçados a salvá-lo de si mesmo. Ele fantasiava sobre as pessoas e lugares que considerava parte de sua vida. Frequentemente as pessoas se chocavam ao saber que ele dizia aos amigos que era chegado a eles.

Tony e Frank pensavam que John não tinha maldade. Apenas queria ser alguém. Era filho de pessoas que trabalhavam para uma companhia local de roupas industriais. Quando a companhia se mudou para fora dos Estados Unidos, foram trabalhar em lojas de varejo. Nenhum deles terminou o segundo grau, e John frequentemente inventava histórias para contar aos colegas de classe sobre seus pais ricos e famosos que tinham um iate e seu próprio avião. Tony e Frank sabiam da verdade, mas o deixavam contar suas lorotas. Eles o entendiam.

Mas agora John estava morto, e aquela... mulher era a responsável! Ele ainda podia ver seu rosto no passado, vermelho com embaraço quando ela tinha perguntado a ele sobre uma de suas tarefas na aula adjunta da faculdade que ambos estavam fazendo em justiça penal. Aquilo tinha sido há seis anos. Ela não conseguia nem mesmo conversar com um homem sem gaguejar e tremer. Millie Evans tinha suaves cabelos castanhos e olhos verdes. Usava óculos. Era magra e bem comum. Mas a mãe adotiva de Tony, que tinha sido arquivista na biblioteca local, era a chefe de Millicent Evans e gostava de Millie. Estava sempre falando sobre ela para Tony, empurrando-a para ele, até o dia em que morreu.

Tony não conseguiria ter contado a sua mãe de criação, mas sabia coisas demais sobre a garota para ficar interessado nela. John tivera uma fixação por ela uns anos atrás e durante uma das raras visitas de Tony ao lar, contara a ele sobre o *alter ego* dela. Na intimidade, ele disse, Millie era quente. Era só dar a ela umas cervejas e faria qualquer coisa que um homem quisesse que fizesse. Aquela pose recatada e nervosa era só isso — uma pose. Ela não era tímida nem retraída. Era o tipo de garota que se contratavam nas festas para entreter os homens. Tinha até mesmo feito um *ménage a trois*, um programa a três com ele e seu amigo Frank, John dissera a Tony em segredo. Aliás, não comente isso com o Frank, ele acrescentara, porque Frank ainda ficava embaraçado com aquilo.

O que Tony soubera sobre Millie Evans fez com se afastasse imediatamente dela. Não que a achasse atraente antes disto. Ela era mais uma numa longa fila de solteironas acomodadas e estúpidas, que fariam qualquer coisa para arranjar um homem. Pobre John. Ele lamentava por seu amigo, porque John era obcecado por Millicent Evans. Para John, Millie era a rainha de Sabá, a última fêmea. Às vezes ela o amava, John se lamentava, mas outras vezes o tratava como um completo estranho. Outras vezes, reclamava que ele a estava perseguindo. Ridículo, John disse a Tony. Como se ele tivesse que persegui-la, quando ela frequentemente estava esperando por ele no apartamento de John, quando ele saía do trabalho de vigia noturno, não vestindo nadinha de nada!

A descrição de John da solteirona era incompreensível para Tony, que tinha mulheres bonitas, inteligentes, ricas correndo atrás dele. Nunca teve que perseguir uma mulher. Millicent Evans não tinha nenhuma aparência, nenhuma personalidade e parecia ser bastante boba. Nunca conseguira entender o que John tinha visto nela.

Agora John estava morto. Millicent Evans o levava ao suicídio. Tony olhou fixamente para o rosto pálido e sem vida, e a raiva se formou dentro dele. Que tipo de mulher usava um homem assim, abusado de seu amor ao ponto de fazer com que ele tirasse a própria vida?

O diretor da casa funerária recebeu um telefonema, que o forçou a se aproximar do homem silencioso na sala de cerimonial. Ele parou ao lado dele.

— Você seria o Sr. Danzetta? — O homem perguntou respeitosamente. A pessoa que telefonara o tinha identificado como alto e uma aparência nada convencional. Aquilo foi um eufemismo. De perto, o homem era enorme, e aqueles olhos pretos poderiam cortar um diamante.

— Eu sou Tony Danzetta, — ele respondeu numa voz profunda e áspera.

— Seu amigo Sr. Mariott acabou de telefonar dizendo para esperarmos por você. Ele disse que tinha um pedido especial em relação ao enterro?

— Sim, — Tony lhe disse. Em seu casaco de caxemira, que ia até os tornozelos, ele estava muito elegante. — Eu tenho dois lotes com jazigos num cemitério fora de San Antonio, a uma pequena distância de onde minha mãe de criação está enterrada. Eu gostaria que colocassem John num deles. — Tony estava se lembrando de uma colina em Cherokee, Carolina do Norte, onde sua mãe estava enterrada e um cemitério em Atlanta que guardava os restos de seu pai e sua irmã mais nova. Ele morava em San Antonio desde o ginásio, com sua mãe de criação. Tony descreveu os lotes, um dos quais pretendia para John. — Eu tenho um mapa do local no meu cofre. Eu poderia dar um pulo lá de manhã...?

— Hoje seria melhor, — o homem respondeu, se desculpando. — Temos que reunir nosso pessoal para abrir a sepultura e prepará-la para o enterro depois de amanhã, você entende.

Tony estava fazendo um malabarismo com seus compromissos, um dos quais era com seu banqueiro a respeito de uma transferência de fundos. Mas sorriu, como se isso não tivesse importância. Poderia retirar o mapa do cofre enquanto estivesse fazendo negócios no banco. — Sem problema. Darei um pulo lá a caminho do hotel hoje à noite.

— Obrigado. Isso nos poupará um pouco de preocupação.

Tony abaixou os olhos na direção de John.

— Você fez um bom trabalho, — disse tranquilamente. — Ele se parece... do jeito que costumava parecer.

O homem sorriu amplamente.

Tony olhou para seu relógio.

— Eu tenho que ir. Voltarei quando tiver terminado meus negócios na cidade.

— Sim, senhor.

— Se Frank aparecer antes de eu voltar, diga isso a ele, ok? E diga para não sair pra comer. Eu o levarei para comer fora esta noite.

— Eu direi.

— Obrigado.

O diretor da casa funerária saiu da sala de cerimonial, parando para falar com alguém. Tony, seus olhos descansando tristemente no rosto do seu amigo, só prestou atenção em parte da conversa.

Ele ouviu passos suaves vindo em direção ao caixão e parar ao lado dele. Virou a cabeça. E lá estava ela. A própria culpada. Millie teria vinte e seis anos agora, ele opinou, e não era mais atraente do que tinha sido todos aqueles anos atrás. Ela se vestia melhor. Estava usando um elegante terno cinza com uma blusa rosa e um grosso casaco escuro. Seu cabelo castanho escuro estava preso num coque. Estava usando lentes de contato em seus olhos verdes, ele imaginou, porque sua mãe de criação frequentemente mencionava o quanto ela era míope. A ausência de óculos não a ajudava a parecer mais bonita. Tinha uma bela boca e uma boa pele, mas não exercia

nenhuma atração sobre Tony. Especialmente depois de ter sido responsável pela morte do seu melhor amigo.

— Eu sinto muito mesmo, — Millie disse tranquilamente. Ela olhou para John sem nenhum sinal visível de emoção. — Eu nunca quis que isso terminasse assim.

— Não quis? — Ele se virou, suas mãos nos bolsos de seu casaco, enquanto a encarava com penetrantes olhos escuros. — Provocando-o durante anos, bancando a difícil para conseguir, depois chamando a polícia para prendê-lo como um agressor? E você não quis que terminasse assim?

Millie se sentiu completamente gelada. Sabia que Tony tinha trabalhado em construção anos atrás, mas haviam rumores sobre ele desde então, boatos. Boatos sombrios. John tinha insinuado que Tony estava envolvido em operações ilegais, que tinha matado homens. Olhando dentro dos olhos pretos dele agora, podia acreditar nisto. Ele não era o homem que ela conhecera. O que ele tinha dito sobre ela provocar John?

— Não se incomode em mentir, — ele disse friamente, cortando sua pergunta antes mesmo de sair de sua boca. — John me contou tudo sobre você.

Millie curvou as sobrancelhas. O que havia a dizer, a não ser que seu amigo John quase destruía a vida dela? Ela se empertigou, mais direta.

— Sim, ele era muito bom em contar às pessoas ao meu respeito, — ela começou.

— Eu nunca consegui entender o que ele viu em você, — Tony continuou, sua voz tão agradável quanto seus olhos eram homicidas. — Não há nada em você para se olhar. Não lhe daria uma segunda olhada nem se estivesse coberta de diamantes.

Aquilo doeu. Ela tentou não deixar transparecer, mas aconteceu. Sabe-se Deus o que John tinha dito a ele.

— Eu... tenho que ir, — ela gaguejou. Não era boa em confrontações. Este homem grande estava procurando uma briga. Millie não tinha nenhuma arma contra ele. Há muito tempo, o espírito tinha sido retirado, à força, dela.

— Que foi, não quer ficar e desfrutar o seu triunfo? — Ele riu friamente. — O homem está morto. Você o levou ao suicídio!

Ela se virou, seu coração se partindo, e encontrou os olhos do homem alto.

— Você e Frank nunca conseguiram enxergar, — ela respondeu. — Vocês não enxergariam. Outros homens têm paixões passageiras. John tinha obsessões. Ele foi preso outras vezes por perseguir mulheres...

— Eu imagino que você tenha persuadido as mulheres a dar parte dele, — Tony interrompeu. — John disse que você o acusara de perseguição e depois estava esperando por ele no apartamento dele, não usando nenhuma roupa.

Millie não pareceu surpresa pelo comentário. Tony não poderia saber que já estava acostumada às acusações de John. Muito costumava à elas para o seu gosto.

Ela moveu um ombro, desamparada.

— Eu tentei fazê-lo procurar ajuda. Quando finalmente o prenderam, eu mesma falei com o promotor público e solicitei que dessem a ele uma avaliação psiquiátrica. John recusou.

— Claro que ele recusou. Não havia nada de errado com a cabeça dele! — atirou de volta. — A menos que você possa chamar estar apaixonado por você um problema psiquiátrico. — Ele levantou ambas as sobrancelhas. — Inferno, eu chamaria de um problema psiquiátrico!

— Chame como quiser, — ela disse, cansada. Olhou rapidamente para John mais uma vez e se virou, afastando-se do caixão.

— Não se dê ao trabalho de vir para o enterro, — ele disse friamente. — Você não será bem-vinda.

— Não se preocupe, eu não planejava fazer isso, — ela respondeu.

Tony deu um rápido passo em direção a ela, enfurecido por sua atitude indiferente, seus olhos escuros ardendo em fúria.

Millie ofegou, soltou sua bolsa e deu salto pra trás, pra longe dele. Seu rosto estava branco. Surpreso, ele parou no meio do caminho.

Ela se curvou, estendeu a mão para agarrar sua bolsa, girou e correu para fora da sala.

Houve murmúrios do lado de fora da sala. Ele olhou rapidamente de volta para John, dividido entre raiva e pesar.

— Deus, eu sinto muito, — disse suavemente para seu amigo. — Eu sinto tanto!

Ele se forçou a partir. O diretor da casa funerária estava de pé na porta da frente, parecendo preocupado.

— A mocinha estava muito transtornada, — ele disse desconfortavelmente. — Branca como papel e chorando.

— Tenho certeza que ela estava lamentando por John, — Tony disse indiferentemente. — Eles se conheciam há muito tempo.

— Oh. Isso explica tudo, então.

Tony caminhou para seu carro e se sentiu melhor. Pelo menos arrancara alguma emoção dela em nome de seu amigo. Ele se colocou atrás do volante de seu caro carro esporte e acelerou para fora do estacionamento da casa funerária, sua mente já no seu compromisso com o banco.

Millie Evans se sentou no volante de seu fusquinha preto e assistiu Tony ir embora, para fora de sua vida. Ela ainda estava chorando. Sua frieza, sua fúria, a tinham machucado. Ela tivera que lidar com os teatrinhos e as ameaças de John por dois anos, vendo sua vida e sua carreira irem por água abaixo enquanto ele contava mentiras sobre ela a qualquer um que fosse ingênuo o suficiente para lhe dar ouvidos. Ele a perseguiu, atormentou, tornou cada dia de sua vida um inferno. Agora estava morto, e Tony queria fazê-la pagar por levar seu pobre e indefeso amigo ao suicídio.

Ela enxugou seus olhos com um lenço. Pobre amigo, o diabo! Talvez se ele e Frank tivessem percebido que John estava mentalmente doentes anos atrás, poderiam tê-lo feito procurar ajuda. Ele poderia ter endireitado sua vida e seguido em frente.

Millie estava secretamente aliviada por John não ter levado adiante sua última e furiosa ameaça de dar um fim a vida dela. Ele lhe dissera que ela não iria se dar bem por rejeitá-lo. Ele tinha amigos, John disse a ela, que não hesitariam em matá-la pela quantia certa de dinheiro. Ele tinha economias, John se enfurecera; Ele usaria toda ela. Se asseguraria que ela não viveria para se vangloriar por tê-lo enxotado de sua vida!

Millie se preocupara com aquela ameaça. Os noticiários estavam cheios de pessoas que tinham saído de si e mataram outras que eles culpavam por seus problemas, antes de matarem a si mesmos. Era, infelizmente, um fato da vida moderna. Mas nunca tinha sonhado que ela — a pequena, simples e careta Millie Evans — alguma vez teria algo assim acontecendo com ela. A maioria das pessoas nem sequer a notavam.

Ela desejara ser notada por Tony. Tinha o amado desde sempre, parecia. Quando a mãe de criação dele era viva, Millie tinha persuadido a mulher mais velha a falar sobre seu filho adotivo. Tony tinha vindo de longe, da Carolina do Norte. Ele e sua irmã, ambos *Cherokees*, tinham vivido com sua mãe e o marido abusivo dela — mas não o pai biológico deles — em Atlanta apenas por pouco tempo, mas o homem bebia em excesso e era brutal para com as crianças. Tony e sua irmã foram para lares de adoção na Geórgia. Depois que sua irmã, também num lar de adoção, morrera, a mãe de criação de Tony se mudou com ele para San Antonio, onde ela tinha família, para afastá-lo do sofrimento. Ela trabalhava como arquivista na biblioteca pública de San Antonio, onde Tony era um cliente frequente; E onde Millie trabalhava depois da escola e entre as aulas quando frequentava a faculdade.

Millie amava ouvir histórias de Tony como um menino, como um adolescente, como um soldado. Às vezes sua mãe de criação trazia cartas para a biblioteca e as mostrava para Millie, porque eram como história viva. Tony tinha um dom de colocar episódios de sua vida num papel. Ele fazia os países onde estava situado ganharem vida, e não só para sua mãe.

Millie tinha esperanças que Tony poderia passar algum tempo na biblioteca quando voltasse para casa de licença. Mas sempre havia garotas bonitas para levar em encontros. Frank Mariott trabalhava como segurança em uma boate e ele conhecia garçonetes de coquetel e *showgirls*. Ele as apresentava a Tony, que sempre tinha uma noite livre para diversão.

Uma biblioteca, Millie supôs, não era um bom lugar para escolher garotas. Ela se olhou no seu espelho retrovisor e riu. Via uma mulher de rosto triste e comum lá, sem nenhuma esperança de alguma vez atrair um homem que quisesse apreciá-la pelo resto de sua vida. Era uma coisa boa, disse a si mesma, que armazenasse tantos livros de romance para manter suas noites ocupadas. Se não podia experimentar o amor, pelo menos podia ler sobre ele.

Millie enxugou os olhos, fechou sua bolsa e dirigiu seu carro de volta ao trabalho. Ela tinha se obrigado a ir e ver John, sem culpa nem vergonha. Tudo que tinha conseguido fora encontrar um novo inimigo e ouvir mais insultos sobre si mesma. Sabia que nunca esbarraria com Tony novamente depois disto. Talvez tenha sido melhor assim. Gastara tempo suficiente sofrendo em silêncio por um homem que nem ao menos conseguia enxergá-la.

TONY FEZ SUA transferência de fundos, pegou o mapa do cofre, pediu ao banco que fizesse uma cópia para ele e substituiu o original antes de voltar para a casa funerária.

Durante todo o caminho, no fundo de sua mente, continuava vendo o medo no rosto de Millie quando ele se movera em direção a ela.

Aquela reação era estranha. Ela poderia ter ficado surpreendida pela velocidade de seu movimento — muitas pessoas tinham ficado, ao longo dos anos. Mas Millie esperava que ele batesse nela. Estava em seus olhos, seu rosto, em toda sua postura. Tony se perguntou o que tinha acontecido com ela no passado que a deixara tão assustada.

Então se repreendeu por aquela compaixão ridícula, enquanto que ela tinha causado a morte de John. Pelo menos tinha certeza que ela não viria para o enterro. Isso teria sido a gota d'água!

Tony estacionou na casa funerária e trancou o carro. Estava ficando mais frio. Tempo estranho, ele pensou. Primeiro era como verão. Então, em questão de dias, o inverno chegara. Este era o tempo normal para o Texas no último novembro, ele refletiu.

Enquanto entrava na casa funerária, viu alguns dos familiares de John reunidos, conversando entre eles mesmos. Frank reconheceu Tony e veio caminhando pelo corredor. Eles apertaram as mãos.

— Só tenho que entregar isso, — disse a Frank, erguendo a cópia do mapa. — Então gastaremos um minuto para conversarmos com o pessoal do John antes de sairmos para comer.

O diretor da casa funerária os avistou e avançou em sua direção. Ele pegou a cópia do mapa, sorriu para Frank e voltou para seu escritório.

— É bem capaz de você levar um choque, — Frank murmurou enquanto entravam na sala de cerimonial.

— O que você quer dizer? — Tony perguntou, surpreso.

John não tinha muita família. Seus pais tinham morrido há muito tempo. Ele tinha uma irmã, Ida. Ela estava lá, com olhos sem brilho e impacientes. Ela olhou rapidamente para a entrada e colocou um grande sorriso no rosto.

— Tony! É tão bom ver você outra vez! — Ela correu para ele e o abraçou. — Você parece ótimo!

— Lamento nos encontrarmos assim, — Tony começou.

— Sim, o idiota, que coisa estúpida de se fazer! — Ida murmurou. — Ele tinha uma apólice de seguro de vida no valor de cinquenta mil dólares. Eu paguei o seguro pra ele, pra mim e Jack, e olhe o que ele faz! Suicídio! Não receberemos um centavo!

Tony parecia como se tivesse levado um soco no olho.

— Oh, ali está Merle. Desculpe, doçura, eu tenho que conversar com ela sobre as flores. Ela está me fazendo um bom negócio numa coroa de flores ...

O primo do John, Ben, avançou para apertarem as mãos.

— Que trapalhada, — disse aos dois homens. Ele sacudiu a cabeça. — Eu paguei a fiança para tirá-lo da prisão. Ele nem chegou a me ressarcir, mas vou dar um jeito de ter de volta o que

paguei, — acrescentou pesadamente. — Dois mil dólares, — murmurou. — Ele jurou que iria me pagar. — Ben vagou para fora, ainda sacudindo a cabeça.

Uma mulher de idade avançada com cabelo tingido de loiro e usando um vestido preto horroroso, observava Tony atentamente. Ela lhe deu um largo sorriso.

— Você deve ser aquele amigo rico do Johnny, — disse. — Ele disse que você possuía várias ilhas no Atlântico e que iria dar uma a ele e um iate também, assim poderia entrar e sair do país.

— Está certo, Blanche, — Frank disse, sorrindo. — Agora terá que nos desculpar, temos um compromisso. Nos vemos no enterro.

— Com certeza gostaria de ver aquele iate, — Blanche acrescentou.

Frank pegou Tony pelo braço e o empurrou para fora do salão de entrada.

ELES ESTAVAM SENTADOS em um bom restaurante italiano quinze minutos mais tarde, tendo feito o pedido.

— Eu não posso acreditar nisto, — Tony disse furiosamente. — Sua própria família! Nenhum deles parecia triste por ele estar morto!

— John não era nada além de problemas para eles, — Frank respondeu. — Ele não trabalhava, sabe, — acrescentou, chocando Tony, que já tinha sofrido alguns choques. — Dizia ao pessoal do governo que tinha um problema nas costas e pagou uma bebida a dois vagabundos que assinaram declarações jurando terem visto o acidente que o incapacitara. Convenceu seu médico e conseguiu uma declaração dele, também, e persuadiu um advogado a incapacitá-lo por invalidez parcial. — Frank sacudiu a cabeça. — Mas mal era o suficiente para sobreviver. Ele importunava seus parentes, pedindo roupas e alimentos. Quando foi preso por perseguição, desta última vez, persuadiu Ben a pagar a fiança. Eu adverti a Ben, mas ele disse que John prometeu que seu amigo rico lhe pagaria de volta.

— Eu conhecia John desde o segundo grau, — Tony disse a Frank. — Você o conhecia desde o ginásio. Ele era um bom homem.

Frank parou enquanto o garçom servia os aperitivos e água gelada.

— Ele mudou, — Frank disse tranquilamente. — Mais do que imagina. Você só o via nos feriados, quando sua mãe de criação ainda estava viva, e mal o viu nos últimos dois anos. Eu o via constantemente.

— Você está tentando dizer alguma coisa, — Tony murmurou, olhando o outro homem.

Frank brincou com sua salada.

— John fez amizade com uns membros de uma gangue alguns meses atrás, — ele disse. — Aquilo realmente o excitava, ele podia perambular com pessoas que não tinham medo da lei. Ele odiava tiras, sabe — acrescentou. — Desde a prisão por perseguição, quando ele seguiu...

— Sim, — Tony o interrompeu. — Aquela criatura chamada Millie!

— Criatura! — Frank se sentou para trás, chocado.

Tony estava começando a se sentir desconfortável.

— Ela fez John se matar, lembra?

— Quem te disse isto?

— John. Ele me mandou uma carta. Me deixou uma carta. — Ele a tirou de seu bolso. Tinha chegado no dia em que recebeu a notícia que John estava morto, obviamente tendo sido enviada antes do suicídio. — Ele disse que ela o atormentava... que inferno, leia você mesmo! — Ele a empurrou através da mesa.

— Eu posso imaginar o que tem nela, — Frank disse. Ele ignorou a carta e terminou de mastigar um pouco de salada. — John acusava mulheres de o provocar quando na verdade elas estavam apenas tentando fazê-lo deixá-las em paz. Millie era mais bondosa que a maioria — ela continuava perdoando-o. Então quando Millie recusou os encontros, ele começou a contar histórias dela para seus colegas de trabalho. — Ele deu uma rápida olhada para Tony, sentado rigidamente, ainda incrédulo. — Você tem visto a Millie. Agora me diga, ela realmente parece com

o tipo de mulher que ficaria esperando no apartamento de John usando uma fantasia de empregada francesa com uma garrafa de champanhe na mão e uma taça na outra?

— Seria difícil de imaginar, — Tony teve que admitir. — Contudo, mulheres de aparência meiga fazem coisas ainda mais loucas.

— Sim, mas Millie não é assim. — o rosto de Frank se suavizou. — Ela se sentou com sua mãe de criação quando ela estava morrendo no hospital, antes que você conseguisse chegar em casa. Ela ia lá toda noite depois do trabalho.

— Certo, você a defenderia, já que fez um *ménage a trois* com ela e John! — Ele falou bruscamente.

Frank o olhou de queixo caído.

— Como disse?

A reação do outro homem deixou Tony ainda mais desconfortável. Ele mexeu nervosamente seu copo com água.

— John me contou sobre isto.

— Oh, pelo amor de Deus! — Frank explodiu. — Eu nunca fiz um *ménage a trois* em minha vida, muito menos com Millie!

— Talvez ele tenha cometido um engano com o nome, — Tony murmurou.

— Talvez ele tenha cometido um engano te dizendo mentira sobre mim, — Frank atirou de volta. — Eu daria qualquer coisa para Millie me notar! Você não acha que eu sei o pouco que tenho a dar a uma mulher com um cérebro como o dela? Ela tem um diploma em biblioteconomia. Eu mal consegui sair do segundo grau. Eu sou um segurança, — ele acrescentou pesadamente. — Um ninguém.

— Pare com isto! — Tony disse imediatamente. — Você não é apenas um segurança. É um trabalho difícil. Requer um esforço dos diabos pra um homem fazer isto.

— Tenho certeza que há caras na cidade de Nova Iorque que colocam anúncios esperando serem contratado como seguranças em bares, — Frank disse sarcasticamente. — Aqui em San Antonio, não é exatamente o trabalho dos sonhos da maioria dos homens.

— Você está apaixonado por Millie Evans, então a está defendendo.

— Eu estou apaixonado por ela, tudo bem. Se a concorrência não fosse tão dura, eu poderia até tentar minha sorte. Foi o que deixou John louco. Ele também não conseguia aguentar a concorrência. Sabia que nunca substituiria o outro cara por quem Millie tem sido apaixonada durante seis anos.

— Que outro cara? — Tony perguntou despreocupadamente.

— Você.

Foi como se o tempo parasse e tudo girasse em câmara lenta. Tony derrubou o garfo e olhou atravessado para Frank como se ele tivesse enlouquecido.

— Como é que é?

— Você acha que Millie precisava de cursos de justiça penal para ser bibliotecária? — Frank perguntou zombeteiramente. — Ela fez aqueles cursos porque sua mãe de criação lhe disse que você estava fazendo, em adição às suas aulas normais da faculdade, pra que pudesse obter seu diploma mais rápido. Era uma desculpa pra ficar perto de você.

Agora, horrivelmente, aquilo fazia sentido. Tony nem mesmo questionara a presença dela nas aulas.

— Ótimo, — Tony murmurou. — A assassina do meu melhor amigo me acha quente!

— Ela não o matou. Mas nenhum júri a teria condenado se tivesse, — Frank persistiu. — Ele fez com que a despedissem, Tony. Ele foi até a chefe dela e disse que Millie estava rondando bares para fazer sexo com homens em público. Ele disse isso para três dos frequentadores mais ricos da biblioteca, sendo que um deles faz parte da diretoria da biblioteca. Eles exigiram que Millie fosse despedida.

Tony observava o outro homem cautelosamente.

— E como você sabe que isso não era verdade?

— Porque eu fui até um amigo meu no distrito policial local e consegui a folha corrida de John e mostrei a eles.

Tony estava se sentindo mal.

— Folha corrida? John tinha uma ficha criminal?

— Sim. Por fraude, difamação de caráter, pequenos roubos, três acusações de perseguição e uma meia dúzia de outras acusações. Eu consegui uma declaração da última mulher que ele perseguiu, uma recepcionista de um dos dentistas de John. Ela declarou sob juramento no tribunal que John tinha ameaçado sua vida. Ele convenceu um advogado que ela estava mentindo e forjou uma testemunha que ouvira a recepcionista se gabando que conseguiria fazer com que John fosse preso.

Tony esperou pelo resto.

— Os membros da gangue testemunharam a favor dele e conseguiram que o caso fosse retirado do tribunal. Algumas semanas depois, a recepcionista foi estuprada. Ninguém foi nem sequer apanhado ou acusado.

Tony se reclinou para frente.

— Não me diga que John estava envolvido nisto!

— Ele nunca admitiu, — Frank respondeu pesadamente. — Mas eu sabia que estava. Alguns meses depois, um dos membros da gangue foi preso sob acusação de estupro e ele se gabou para o oficial que o prendera que poderia cair fora dali a qualquer hora que quisesse. Ele tinha testemunhas, o homem disse. Como se constatou mais tarde elas também eram membros de sua gangue. Infelizmente para ele, no segundo caso de estupro, o novo membro da gangue pra quem ele se gabou estava usando um aparelho de escuta. Ele está tendo maus momentos agora.

— Mas John não era assim, — Tony protestou. — Ele era um bom homem!

— Ele estava doente, — Frank disse sem rodeios. — Destruiu completamente a vida da Millie porque ela não o quis. Até os parentes dele se desculparam com ela pelo que ele fez. Ainda há pessoas que vão àquela biblioteca que estão convencidas que Millie faz orgias lá no porão, porque John disse a elas que fazia.

— Eu não consigo acreditar nisto, — Tony disse para si mesmo.

— Óbvio. Você não conheceu o adulto que John se tornou. Você ainda via a criança que jogava beisebol com você no primeiro ano.

— Ele tinha uma folha corrida. Eu nunca soube disso.

— John era um homem problemático. Havia algo mais, também. Meu amigo no distrito policial disse que quando fizeram uma busca no quarto do John, acharam um livro bancário aberto na mesa de café. Ele mostrava uma retirada de cinco mil dólares em dinheiro — John aparentemente vendera tudo o que tinha de valor. As notinhas do penhor estavam lá, também, nitidamente organizadas. Havia um bilhete endereçado à Millie, com apenas uma ameaça: "Você vai se arrepender". A polícia ainda não contou a ela, e me advertiram para não dizer nada. Mas temo por ela.

— O que acha que John fez com o dinheiro? — Tony perguntou.

— Eu não sei.

Tony estava franzindo as sobrancelhas.

— Algum daqueles membros da gangue alguma vez já foi suspeito de assassinato?

— Sim, — veio a resposta curta. — John tinha uma natureza vingativa. Não me surpreenderia nada se pagasse alguém para matar Millie.

O John que Tony conhecera quando adolescente não teria sido capaz de tais ações. O homem que só agora estava vindo a conhecer poderia muito bem tê-lo feito. Tony mal conseguia fazer sua mente funcionar. Ele viera para casa com ideias bem definidas do cara bom e da mulher má, e agora suas teorias não tinham valor algum. Estava se lembrando da expressão trágica de Millie quando ele a acusara de assassinar seu amigo. Estava se lembrando, também, do que Frank acabara de lhe contar, que Millie tinha se interessado por ele. Ele podia apostar que ela não gostava mais, pensou cinicamente.

Frank verificou seu relógio.

— Eu tenho que voltar para a casa funerária. Millie disse que viria mais tarde para ver John. Eu tentei persuadi-la a não fazer isso, mas ela disse que era algo que tinha que fazer, que se sentia responsável. Mesmo depois de tudo que John tinha lhe feito, ela ainda lamentava por ele.

Tony fechou os olhos e gemeu. Não sabia como dizer ao seu amigo que Millie já tinha ido ver John, e que Tony a tratara como lixo e que a fizera sair correndo do edifício com medo dele. Esta não era uma revelação que estivesse ansioso para fazer.

CAPÍTULO 2

FRANK REALMENTE ESTREMECEU quando Tony lhe contou como tinha tratado Millie quando a vira na casa funerária mais cedo.

— Bom Deus! — Frank disse expressivamente. — Aquela pobre mulher! Como você pôde, Tony? — Ele perguntou acusatoriamente.

Tony fez uma careta.

— Eu não sabia de nada, — ele se defendeu. — Tudo o que tinha em que apoiar era a carta que John me enviou e a lembrança daquelas visitas eu fazia para casa, quando ele chorava no meu ombro pela forma tão ruim que ela o estava tratando. Eu tinha certeza que Millie tinha matado meu amigo com seu comportamento insensível.

Frank suspirou pesadamente.

— Queira que ela não tivesse ido à casa funerária mais cedo.

— É. Eu também, — Tony respondeu. Nunca conseguiria esquecer com que louca rapidez Millie saía pela porta. Isso o assombraria. — Olha, aquele seu amigo no distrito policial, — ele disse. — Você poderia conseguir que ele perguntasse por aí e visse se tem algum boato nas ruas sobre um atentado em potencial?

— Eu podia fazer isto, — Frank disse, e se iluminou um pouco.

— Talvez John simplesmente tenha deixado um monte de dinheiro para um abrigo de animais e fez a ameaça para assustá-la, — Tony disse.

Frank deu a ele um olhar azedo.

Tony levantou ambas as mãos.

— Desculpe.

— Não importara o que ele descubra, — Frank disse. — Não se fazem prisão preventiva baseada em suposição, não importa o quanto ela seja qualificada. Não poderão designar ninguém para protegê-la.

— Eu estou livre até o ano novo, — Tony disse. — Posso lidar com isto.

Frank piscou.

— Tenho certeza que Millie terá um imenso prazer em tê-lo por perto, depois da recepção calorosa que lhe deu na casa funerária.

Tony vacilou.

— É. Bem, eu terei que me desculpar, eu suponho.

Frank não disse nada sobre aquilo. Secretamente, pensava que Tony acharia difícil se curvar o suficiente para convencer Millie de que ele sentia muito. Seu amigo passara a maior parte de sua vida em ambientes violentos. Suas habilidades sociais estavam um pouco enferrujadas, especialmente em relação a mulheres como Millie. Tony tinha um gosto atrevido e ousado, que avançava para o tipo de fêmeas ele podia encontrar em bares. Millie era refinada e reservada. Seria uma difícil combinação com um osso duro de roer como Tony.

NA MANHÃ SEGUINTE, um Tony arrependido juntou-se a Frank na casa funerária para as últimas cerimônias de John. Havia um grupo muito pequeno das pessoas lá, a maioria gente da família. Uma dupla de homens de aspecto tosco estava sentada atrás, olhando constantemente ao redor. Tony se perguntou se eles poderiam ser os amigos de gangue do John.

Após a breve cerimônia, Tony dirigiu seu carro junto com Frank ao cemitério para a cerimônia ao lado do túmulo. Foi igualmente breve.

Tony reparou que os homens de aspecto tosco também tinham vindo para o cemitério. Um deles estava concentrado em Tony e Frank, como se achasse a presença deles suspeita.

— Estamos sendo observados, — Tony disse a seu amigo enquanto caminharam de volta em direção ao carro esporte de Tony.

— Eu reparei, — Frank respondeu. Trabalhar como segurança lhe dera um sexto sentido em relação a problemas. Tony, em sua linha do trabalho, também o desenvolvera. Eles fingiam conversar casualmente, sem deixar óbvio que viram os dois homens.

Quando chegaram ao carro e estavam acomodado e pronto para viajar, Tony olhou no espelho retrovisor e notou que um dos homens estava discretamente anotando o número de sua placa. Ele começou a rir enquanto fazia a volta no carro ao redor de dois dos veículos da família e saía da rua do cemitério.

— Qual é a graça? — Frank perguntou.

— Eles são tiras, — ele disse.

— O quê?

— Eles são tiras, — Tony repetiu. — Os membros da gangue não ligariam a mínima para o número da minha placa. Eles querem saber quem eu sou e qual a minha conexão com John. — Tony olhou rapidamente para seu amigo. — Que tal perguntar a seu contato no departamento de polícia o que eles querem saber sobre mim? Eu telefonarei para ele com os detalhes.

Frank deu uma risada.

— Bastante justo. Vou ligar pra ele quando chegar em casa.

Tony sorriu amplamente. Achava divertido o fato de ser visto com suspeita. Ele geralmente era, ultimamente. Mantinha um perfil discreto e nunca falava sobre seu trabalho.

Tony deixou Frank em seu apartamento e prometeu encontrá-lo no dia seguinte para almoçar. Então voltou para seu hotel.

Notou que estava sendo seguido novamente. Ele deu as chaves do carro para o empregado que lidava com o estacionamento, entrou no salão de entrada e diminuiu o passo enquanto ia em direção ao elevador. Ele sentia olhos em suas costas. Alguém o estava seguindo. Isto era divertido.

Tony entrou no elevador e fingiu estar desinteressado em seus arredores. Um homem a quem ele reconheceu como um dos dois estranhos no funeral entrou com ele e permaneceu distante, também fingindo despreocupação.

Quando Tony saiu, no andar errado, notou que o homem permaneceu atrás, mas anotava rapidamente um número.

Ele desceu a escadaria, e estava esperando no salão de entrada quando o homem que o seguia saiu do elevador. Ele ergueu os olhos, olhando dentro dos olhos pretos e literalmente deu um salto, de verdade.

Tony lhe deu um olhar experiente.

— Se quiser saber quem eu sou e por que fui ao enterro do John, vamos ao bar. Eu lhe comprarei uma bebida e te darei a mais pura verdade.

O homem levantou suas sobrancelhas, e então começou a rir.

— Como descobriu? — perguntou, quando estavam acomodados no bar.

— Eu trabalhei com tiras antes, — Tony disse a ele, — entre os trabalhos no estrangeiro.

— Que tipo de trabalhos no estrangeiro?

Tony deu uma risada, colocou a mão bolso para tirar a carteira, sacudiu-a aberta e exibiu suas credenciais.

O homem assobiou suavemente.

— Eu pensei em me juntar a eles, uma vez, mas depois de seis meses de ser chamado, interrogado, passado pelo detector de mentiras, ter o passado checado e o outro lado investigado até a morte, desisti e me juntei a força policial. O salário é péssimo, mas só me envolvi em um

tiroteio em dez anos. — Ele sorriu amplamente. — Poderia apostar que você não pode dizer o mesmo.

— Você estaria certo, — Tony teve que admitir. — Eu carrego chumbo no meu corpo o suficiente para carregar um revólver. Não podem retirar algumas das balas por causa de onde se alojaram.

— Você conhecia o falecido, eu deduzo.

Tony acenou com a cabeça.

— John era meu melhor amigo desde o segundo grau. — Ele fez careta. — Mas no fim das contas eu não o conhecia de forma alguma. Ele estava perseguindo uma mulher que nós dois conhecíamos e eu pensei que ela estava mentindo sobre isto.

O homem retirou um bloco de notas.

— Seria a Senhorita Millicent Evans.

— Sim.

— Ela não estava mentindo, — o detetive de polícia disse a ele. — Ela nos chamou em um 10-16 doméstico, físico, — ele acrescentou, usando o código dez para um telefonema de perturbação doméstica. — John bateu nela com muita maldade.

Tony se sentiu tonto quando se lembrou da reação inesperada de Millie quando se movera tão abruptamente na casa funerária. Ele não conseguia falar.

— Mas quando foi a hora de prestar queixa, ela não o fez, — o detetive disse categoricamente. — Ficamos desapontados. Não gostamos de pessoas que batem em mulheres. Ela disse que ele tinha bebido muito e tinha se desculpado, e que era a primeira vez que batia nela.

— Aquela foi a única vez? — Tony tinha que saber.

— Eu acho que sim. Ela não é do estilo que aguenta esse tipo de abuso como rotina. Mais ou menos uma semana depois, ele se matou. — Ele se inclinou pra mais perto. — Nós ficamos sabendo que um chefe de uma gangue local recebeu dinheiro para matá-la. É por isso que estávamos no enterro. Você tem um amigo chamado Frank?

— Sim.

— Ele e meu tenente são melhores amigos, — o homem disse a ele. — O tenente nos mandou que procurássemos pessoas que pudessem se encaixar na descrição de um assassino de aluguel.

Tony riu.

— E eu me encaixo na descrição.

— Eu já vi um montão de assassinos de aluguel que se parecem exatamente como você. — Ele inclinou a cabeça. — Você é Italiano?

Tony sorriu amplamente.

— *Cherokee*, — ele disse. — O marido da minha mãe me adotou, mas não era meu pai.

— Isso demonstra, — o detetive disse, — que não se pode dizer quem é quem só de se olhar.

— Absolutamente.

TONY PASSOU NA biblioteca na manhã seguinte, esperando se desculpar com Millie e sair de lá. Mas no minuto em que ela o viu no salão de entrada, atravessou uma porta que tinha uma placa escrita "*Somente Empregados*" e desapareceu. Ele perguntou por ela no balcão, como se não tivesse notado. A balconista responsável voltou pela porta e reapareceu um minuto depois, com o rosto vermelho e gaguejando.

— Eu sinto muito, eu... não consegui encontrá-la, — ela finalizou.

Tony sorriu com tristeza. Não culpava Millie por odiar a sua audácia.

— Está tudo bem, — ele disse. — Obrigado.

Ele partiu. Aparentemente protegê-la teria que ser feito à distância, a menos que conseguisse pensar num modo de fazê-la o escutar.

Tony tentou telefonar pra Millie na biblioteca quando voltou ao hotel. No minuto em que ela ouviu sua voz, desligou o telefone. Ele suspirou e ligou para Frank.

— Ela fugiu como da outra vez, — disse ao seu amigo. — Eu esperava por isto. Mas não posso convencê-la que precisa de proteção se não consigo falar com ela nem à distância. Alguma ideia?

— Sim, — Frank disse. — Vou passar no apartamento dela e falar com ela.

— Obrigado. Diga a ela que eu sinto muito. Eu sei que isso não vale nada, mas eu realmente sinto muito.

— Eu sei que você sente.

— Paguei uma bebida pra uma de nossas sombras, — Tony lhe disse. — Ele disse que estavam procurando por caras que se encaixassem no perfil de um assassino de aluguel. Ele acha que eu me encaixo.

Frank desatou a rir.

— Se a carapuça servir...

— Muito obrigado, — ele murmurou.

— Eu te ligarei de volta quando tiver visto a Millie, — prometeu.

— Certo. Eu estarei aqui.

FRANK LIGOU PARA ele na manhã seguinte.

— Ela conversará com você, — ele disse a Tony. — Mas custou muita persuasão. E ela não acreditará que John faria algo tão drástico como contratar alguém para matá-la. Você vai penar um bocado para lhe vender a ideia de proteção, — ele acrescentou.

— Bem, eu farei uso de minhas habilidades com as pessoas, — Tony respondeu.

Houve uma pausa.

— Eu ouvi um comediante dizer que você pode conseguir muito mais com um sorriso e uma arma do que você conseguiria com um sorriso. Isso resume bem as suas habilidades com as pessoas.

Tony desatou a rir.

— Ponto pra você, — ele reconheceu. — Tentarei amansar a fera antes de ir vê-la. Alguma novidade do seu amigo detetive?

— Ainda não. Ele me antecipou, ao que parece. — Frank deu uma risada. — Ele já tinha seus homens trabalhando no lado da gangue, para ver se alguém contratara um atirador. Talvez descubra algo.

— Enquanto isso, farei o que puder para proteger Millie, — Tony respondeu. — Até mais.

— Até.

TONY SE VESTIU casualmente para a visita à biblioteca, esperando não chamar muita atenção no caso de alguém estar observando Millie. Ele vestia calça jeans e uma camisa de algodão debaixo de uma jaqueta de couro. Parecia um amante do ar livre, como um caubói, mas se recusou a colocar um chapéu de abas largas. Nunca gostara de cobrir seus cabelos pretos ondulado, e ainda o usava em um rabo-de-cavalo. Tony nunca seria um conservador, não importa o que o trabalho pedisse. Tinha muito de renegado nele.

Ele caminhou para o balcão e perguntou por Millie, sorrindo para a balconista. Ela sorriu de volta, obviamente interessada nele. Ela levantou o telefone, apertou um botão e disse a Millie que ela tinha uma visita na sua frente.

Enquanto falava, organizava as correspondências.

— Oh, tem um pacote pra você, — ela acrescentou, ainda conversando com Millie no telefone, sua mão indo em direção a um envelope marrom liso, mas volumoso com uma escrita aguçada na frente.

— Não toque nisto, — Tony disse de repente, pegando seu celular. Ele discou o número dos serviços de emergência e solicitou um carro radiopatrulha e um esquadrão anti-bomba.

A balconista olhou para ele como se achasse que fosse louco.

— Tire todo mundo do prédio, — Tony disse a ela em um tom encrespado de autoridade.
— Não perca tempo, — disse, quando ela hesitou. — Há explosivo suficiente lá dentro para explodir um quarteirão inteiro da cidade. Rápido!

Ela correu de volta para a parte de trás enquanto Millie vinha para a parte da frente. Ela parou no balcão, onde Tony ainda estava discutindo com o despachante sobre o esquadrão anti-bomba.

— Escute, eu trabalho para o governo, — ele disse em um tom profundo e firme. — Já vi cartas-bomba antes. Sei do que estou falando. Vai querer ler nos jornais amanhã de manhã que uma biblioteca explodiu porque você não levou a ameaça a sério? Eles até soletrarão o seu nome direito... sim, é o que eu disse, o esquadrão anti-bomba. E rápido!

Tony olhou rapidamente para Millie, com o rosto rígido, seus olhos reluzindo.

— Nós temos que sair daqui, — ele disse a ela.

— Sair? Tem um pacote pra mim ali...

Ele agarrou a mão dela quando ela tentou alcançá-lo. — Se gosta de ter duas mãos e uma cabeça, fará o que eu digo. Vamos! — Ele chamou a balconista, que estava apressando vários clientes e alguns empregados para saírem pela porta da frente.

— Você enlouqueceu, — Millie disse com um ar afetado. — Eu não vou sair...!

— Desculpe, — Tony disse enquanto a erguia rapidamente em seus braços e a levava pela porta da frente afora, que um cliente sorridente segurou aberta para ele. — Eu não tenho tempo para discutir.

UM CARRO RADIOPATRULHA chegou junto com o esquadrão anti-bomba. Tony foi conversar com o sargento no comando.

— É uma carta bomba, lá no balcão, — ele disse ao homem. — Eu trabalhei num caso em Nairobi com uma que se parecia exatamente como aquela, mas não consegui fazer ninguém me dar ouvidos. Matou dois trabalhadores estrangeiros quando explodiu.

O sargento suspirou.

— Ok. Nós vamos checar. Mas se você estiver errado, vai estar num problemão.

— Eu não estou errado, — Tony disse a ele, e mostrou suas credenciais. O sargento não disse nenhuma outra palavra. Foi direto trabalhar.

Os bibliotecários estavam céticos; Millie e os clientes também. Mas todos permaneceram pacientemente no frio enquanto o esquadrão anti-bomba entrava hesitantemente no prédio e procurava pelo envelope marrom que Tony descrevera.

O sargento voltou para o lado de fora, com a cara fechada.

— Eu não estou completamente convencido, — disse a Tony, — mas vamos seguir com os procedimentos padrões. Realmente parece suspeito.

Eles trouxeram um robô com um braço mecânico. O enviaram para dentro do prédio para recolher o pacote. Levou muito tempo, e muitos espectadores se ajuntaram, retidos por mais duas unidades da polícia que chegaram para ajudar com o controle da multidão.

Havia uma equipe de filmagem de uma estação de TV local na cena agora, e pessoas com câmeras nos celulares estavam tirando fotos para enviar à mídia também. Algumas delas estavam rindo. Um homem, um cliente zangado da biblioteca, disse que iria pegar um esfriado enquanto a polícia perdia o seu tempo em uma ameaça de bomba que mostraria se tratar apenas de um pacote de fotografias ou algo igualmente estúpido.

Enquanto ele estava falando, o robô alcançou a caixa de retenção na qual o esquadrão anti-bomba coletava pacotes suspeitos. Assim que o pacote foi depositado lá dentro, houve uma terrível explosão que fez o robô cair de costas e fez os espectadores gritarem e fugirem.

Tony olhou rapidamente para o sargento do esquadrão anti-bomba que fez uma careta. Ele se virou para Millie. Ela estava com o rosto branco e com o estômago revirado. Se Tony não tivesse entrado naquela hora, se ela abrisse aquele pacote...

Ele a pegou enquanto ela caía no pavimento.

QUANDO MILLIE RECOBROU a consciência, estava deitada no banco de trás do carro alugado de Tony. Ele estava segurando um refrigerante gelado em seus lábios, sustentando-a com um braço grande.

— Vamos lá. Tome um gole. Vai ajudar, — ele disse tranquilamente.

Millie conseguiu tragar um pouco do líquido efervescente. Ela tossiu.

— Eu desmaiei. Eu nunca desmaio.

— Se alguém me mandasse uma bomba, provavelmente desmaiaria, também, — ele respondeu com um sorriso. — Você está bem. Todos os outros também.

Ela ergueu os olhos para ele tranquilamente.

— Por quê?

O sorriso dele enfraqueceu.

— Alguns homens levam a possessão para o túmulo com eles. John não podia ter você. Queria ter certeza que nenhum outro alguma vez a tivesse. Pagou a alguém muito dinheiro para fazer isto. E quase conseguiu. Agora temos que mantê-la viva enquanto descobrem quem ele contratou.

Ela se sentou, respirando pesadamente.

— Certamente não tentarão novamente? Eles saberão que a polícia está de olho agora.

— A polícia não tem o tipo de orçamento que precisariam para te dar proteção dia e noite. Quem enviou a bomba saberá disto. Claro que tentará novamente.

— Ele já conseguiu o dinheiro, — ela hesitou.

— Eu não apostaria nisto. Mais que provável, John arranjou tudo de forma que ele não possa pegar o dinheiro até que você esteja morta, e o cara da bomba tem que provar que você está morta, — Tony lhe disse de forma direta. — Se um líder da gangue está segurando o dinheiro, será uma questão de honra para ele. Não me olhe assim, eles têm honra entre eles mesmos, de certa forma. Especialmente se o líder era amigo do John e sentia alguma obrigação para com ele por alguma razão.

— Você sabia que era uma bomba sem tocá-la, — ela recordou. — Como?

— Não é a minha primeira bomba, — ele respondeu. — Eu não pratico esse tipo de atividade, mas conheço caras que o fazem. Aprendi muito assistindo, o resto por experiência.

Millie franziu as sobrancelhas.

— No Exército? Ou trabalhando em grupos de construção? — Ela perguntou.

Tony hesitou.

— Eu trabalho para o governo, entre trabalhos *freelance*, — ele disse. — Eu sou um contratante independente.

— Um o que?

— Eu sou um soldado profissional, — ele disse a ela. — Sou especialista em anti-terrorismo.

Ela estava muito quieta. Seus olhos claros procuraram pelos escuros dele.

— Sua mãe de criação sabia?

Tony sacudiu a cabeça.

— Ela não teria aprovado.

— Entendo.

Seus olhos se estreitaram no rosto que ela havia desviado.

— Você também não aprova, não é?

Millie não conseguia encontrar os olhos dele. Ela esfregou os braços frios.

— Minha opinião não significaria nada para você.

Ela saltou para fora do carro, com os pés ainda um pouco instáveis. Ele a firmou.

— Você precisa pegar seu casaco e sua bolsa e vir comigo, — ele lhe disse. — Temos coisas para conversar.

— Mas... — ela começou.

— Não discuta, Millie, — ele interrompeu. — Se você ficar lá, estará colocando seus colegas de trabalho em risco.

Aquilo não tinha passado pela cabeça dela. Millie parecia horrorizada.

— Mas eu tenho que trabalhar, — ela protestou. — Eu tenho contas pra pagar...!

— Você pode pedir uma licença, não pode? — Ele insistiu. — Alguns dias de folga não te colocarão na rua.

Aquilo fazia sentido, e ela sabia que ele estava certo, mas tinha medo que se pedisse um período de licença, perderia seu trabalho. Ela estivera na biblioteca por toda sua vida profissional, e amava o que fazia. Sua superior ainda não tinha esquecido a fofoca que John causara ao insinuar que Millie tinha um estilo de vida selvagem. Só Deus sabe o que ela diria quando ouvisse sobre a bomba.

— É capaz de eu não ter um trabalho quando minha chefe descobrir o que aconteceu hoje aqui. Ela está fora da cidade até a próxima segunda-feira, — acrescentou tristemente.

— Vamos. Eu entrarei com você.

Tony a conduziu de volta ao prédio e insistiu em ver seu supervisor com ela. Ele explicou a situação sem rodeios, acrescentando que estava certo que seus colegas não gostariam de arriscar outro incidente como aquele insistindo que ela ficasse no trabalho até o culpado ser apreendido.

— Certamente que não, — Barry Hinson disse imediatamente. — Millie, nós podemos nos virar sem você por alguns dias. Tenho certeza que a Sra. Anderson concordaria.

Millie suspirou.

— Não acho que tenho escolha. Eu sinto muito mesmo, — ela começou.

— Não é sua culpa, — Barry disse firmemente. — Nenhum de nós alguma vez a culpamos pelo o que aquele homem fez. Ele devia ter sido trancafiado, — acrescentou, sem saber que Tony tinha sido amigo de John.

Millie ruborizou. Ela não olhou para Tony.

— Bem, vou pegar minhas coisas e ir embora. Voltarei na semana que vem.

Barry sorriu.

— Claro. — Ele olhou cautelosamente para Tony. — Você não deixará nada acontecer a ela?

— Ele perguntou, assumindo que o homem grande trabalhava para os oficiais da lei.

— Não, — Tony o assegurou. — Eu não deixarei.

Millie não queria sentir o calor envolvente que suas palavras causaram. Ela tinha arriscado seu coração por este homem antes uma vez e ficara despedaçada por sua rejeição. Se apenas, ela pensou, pudesse banir os sentimentos e fazê-los deixá-la em paz para sempre. Ela foi apanhar sua bolsa e casaco e explicar para a balconista no que ela estivera trabalhado antes da bomba interromper o dia delas.

— E AGORA? — MILLIE perguntou enquanto parava perto de seu fusquinha preto no estacionamento. Era usado, mas era limpo e bem cuidado.

— Agora, nós vamos para algum lugar conversa e tomar algumas decisões.

— Há uma lanchonete na rua de baixo, onde eu costumo almoçar, — ela falou, dizendo o nome dela.

— Eu te encontrarei lá.

Ela acenou com a cabeça obedientemente e entrou em seu carro.

DEZ MINUTOS DEPOIS, eles estavam comendo sanduíches e tomando café, um almoço tardio porque desarmar a bomba tinha sido um negócio demorado. Millie comia e bebia

automaticamente, mas não sentia muito o gosto. Era desconcertante perceber que John realmente queria matá-la.

— Pare de se preocupar, — Tony disse enquanto bebericava seu café. — Não vai ajudar.

— Eu nunca pensei que John quisesse me matar, — ela disse.

Os olhos de Tony se estreitaram.

— Ele bateu em você.

Ela ofegou.

— Como você soube disto?

— Frank.

Os lábios dela fizeram uma linha fina.

— Ele tinha bebido. Disse que era tudo culpa minha que sua vida estivesse se despedaçando, porque não me casaria com ele. Eu tentei, pela vigésima vez, explicar que não o amava daquela forma, mas ele não me escutava. John perdeu a cabeça e a tudo que me dei conta a seguir é ele estava me atirando com força contra a parede. Mesmo quando aquilo aconteceu, mal conseguia acreditar. Eu gritei e gritei, e quando ele me soltou, me tranquei no quarto e chamei a polícia.

— Você não prestou queixa, — ele murmurou.

— John estava em prantos quando a polícia chegou lá. Ele jurou que era por causa do álcool, que não percebera o quanto tinha bebido. Ele disse me amava, que não podia acreditar que tinha feito tal coisa. Me implorou para não apresentar queixa. — Ela sacudiu a cabeça. — Eu devia ter apresentado. Mas senti pena dele. Eu sempre sentia pena dele. John tinha problemas mentais, mas não os enfrentava, e não buscava ajuda. Pensei que podia fazer alguma coisa por ele.

— Você não pode consertar uma mente danificada, — Tony disse com pesar. — Ele era obcecado por você.

Seu tom insinuava que ele não entendia por que. Millie sabia o que Tony pensava dela, porque John tinha lhe contado, diversas vezes. Tony achava que ela era a mulher mais chata na face da Terra, e que precisaria estar bêbado para querer tocá-la. Olhando para a expressão dele agora, tinha certeza que John falara a verdade. Ela era simples e sem graça, e nada excitante. Era um fato que já tinha encarado muito tempo atrás.

Millie puxou de volta sua xícara de café.

— Depois daquela noite, chegou ao ponto de eu não podia sair de meu apartamento sem me chocar com John. Ele disse que iria se assegurar que eu não tivesse nenhum outro homem na minha vida, e iria me vigiar noite e dia. Quando disse aquelas mentiras sobre mim, e depois começou a passar o dia na biblioteca, começou a pôr meu trabalho em risco. Eu finalmente decidi que não tinha nenhuma outra escolha a não se prestar queixa de perseguição contra ele. — Ela correu a mão num coque apertado onde mantinha seu cabelo. — Foi isso que o fez passar dos limites. Eu já sabia que aconteceria — foi por isso que esperei tanto tempo para fazer alguma coisa sobre o problema. Ele jurou que iria se vingar, não importa o tempo que levasse. — Ela parecia cansada, como se a vida lhe tivesse sido drenada. — Quando soube que ele estava morto, eu fiquei tão envergonhada, mas tudo que conseguia sentir era uma sensação de alívio. Finalmente estava livre dele.

— Mas você foi à casa funerária, — ele comentou.

Seu rosto ficou tenso quando recordou a atitude de Tony quando a encontrara lá.

— Sim. Foi a culpa. Eu tinha que vê-lo. Pensei que poderia reparar, de alguma forma.

— E ao invés disso, você me encontrou, — ele respondeu, fazendo uma careta diante da expressão dela. — Você tem que entender, tudo o que tinha em que me basear era o que John me contara. E ele me contou muito. Me deixou uma carta, culpando você pela sua morte. Eu não tinha nenhuma razão para duvidar dele, naquele momento. Não até Frank me contar a verdade.

Claro que Tony tinha acreditado em seu amigo, ela pensou. Não teria passado pela cabeça dele que Millie não era uma garota selvagem. Ele não conhecia Millie. Ele não quis conhecê-la. Machucava perceber isto.

— Eu sinto muito pelo o modo como reagi, — ele disse rigidamente. — Eu não sabia.

Millie sacudiu a cabeça.

— Ninguém sabia. Eu fui incomodada, chantageada e caluniada por ele durante anos, e ele fez todo mundo pensar que era minha própria culpa, que eu o encorajava. — Seu olhar era vazio, quase sem vida. — John era o homem mais repulsivo que eu já conheci.

Tony franziu as sobrancelhas.

— Ele era bonito.

Ela lhe deu um rápido olhar.

— Você não pode fazer as pessoas te amarem, — ela disse numa espécie de tom desanimado. — Não importa a sua aparência. John era vulgar, rude e feio por dentro. É aonde conta, sabe. O exterior poderia ter sido atraente. O diabo, eles dizem, era bonito.

— Entendi.

Millie terminou o café.

— Pra onde eu vou agora?

— Voltar para seu apartamento. Eu vou com você, pra ver o que vou precisar para a vigilância.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Vigilância?

Tony afirmou com a cabeça.

— Eu quero câmeras e microfones em todos os lugares. É o único modo de podermos salvar sua vida.

E naquele momento ela percebeu, pela primeira vez, o quão desesperada sua situação realmente era.

CAPÍTULO 3

O APARTAMENTO DE Millie ficava no terceiro andar de um prédio a mais ou menos dez quarteirões da biblioteca. Tinha uma pequena sacada, onde viviam muitas plantas durante os meses quentes. Agora, os vasos não continham nada além de restos mortais da folhagem do outono que Millie estivera muito ocupada para limpar completamente. As últimas semanas tinham sido realmente agitadas.

As paredes eram metros de estantes e livros. Ela era uma grande leitora. Tony reparou que os títulos variavam de história à jardinagem de idiomas à crime verdadeiro. Ele sorriu quando notou todos os livros de romance, inclusive vários que tinham a ver com soldados profissionais. Tony nunca lhe dissera o que fazia para viver até hoje, e ela não tinha adivinhado. Mas aparentemente Millie tinha uma natureza aventureira que mantinha firmemente contida, como seu cabelo naquele coque.

Ele notou que ela gostava de tons pastéis, e os usara em sua decoração. As mobílias do apartamento não eram caras, mas acomodavam os quartos onde vivia. Millie tinha bom gosto para uma mulher com um orçamento limitado.

Tony meteu o nariz em cada canto e em cada fenda do lugar, tomando notas em um pequeno bloco, sobre entrada, saída e possíveis vias de invasão. A sacada era um ponto problemático. Um homem com um rifle automático podia ver direito dentro do apartamento pelas portas corrediças de vidro, que não tinham cortinas. As portas tinham as fechaduras comuns, mas nenhuma trava de segurança. O apartamento ficava a apenas alguns passos de distância de um elevador e uma escadaria, que lhe dava fácil acesso. Não havia nenhuma segurança no prédio, e Tony notou dois ou três homens de aparência suspeita a caminho do elevador.

Ele enfiou as mãos nos bolsos. Parecera um bom plano naquela hora, mas agora que tinha visto onde Millie morava, sabia que não podia simplesmente se mudar para lá com ela e esperar vir um ataque.

— Isto não vai funcionar, — ele disse de maneira direta.

Ela se virou do armário do corredor, onde tinha retirado um casaco e um suéter, e o encarou inexpressivamente.

— O quê?

— Este lugar é uma armadilha mortal, — ele disse sem rodeios. — Fácil entrada e saída pelo lado de fora da porta, nenhuma trava de segurança, um alvo com ponto de visão perfeita para qualquer um com um rifle ultra poderoso de longo alcance. Acrescente a isso uma falta notável de segurança e alguns personagens sombrios que vivem no prédio, e você tem uma situação impossível. Você não pode ficar aqui.

— Mas é onde eu moro, — ela disse, se queixando. — Não posso simplesmente me mudar porque algum maluco está tentando me matar. Além disso, ele não iria simplesmente me seguir?

— Provavelmente, — teve que admitir.

— Então o que eu faço, moro no meu carro e me mudo de estacionamento toda noite? — Ela perguntou.

Tony desatou a rir. Não imaginara que ela tivesse senso de humor.

— Você precisaria de um maior carro, — ele concordou.

Millie soltou um longo suspiro.

— Acho que eu poderia fazer algo ilegal e ser presa, — ela pensou em voz alta. — Eu estaria segura na prisão.

— Pra falar a verdade não, — ele respondeu. — As gangues operam em cada prisão deste país, e em outros países. Eles são como corporações agora, Millie — eles são internacionais.

— Você está brincando! — ela disse, espantada.

— É a verdade. Eles têm uma hierarquia, mesmo na prisão, e um certo controle e exploração. Podem ordenar ataques de dentro ou de fora.

Ela se sentou pesadamente no braço do sofá.

— Ligue para o escritório dos federais, — ela disse. — Diga a eles que estou qualificada para o programa de proteção a testemunha. Posso receber um novo nome e me mudar.

— Não a menos que você testemunhe contra alguém realmente mal, — ele retornou. — Sinto muito.

Suas sobrancelhas se curvaram.

— Ai!

Tony ergueu um ombro enorme.

— Então temos que procurar uma solução diferente. Eu te levarei de volta para o hotel comigo...

Millie corou e se levantou.

— Eu não vou me mudar com você.

— Ok. Qual de seus colegas de trabalho você gostaria de pôr na linha de fogo? — Ele perguntou. — Porque é essa a sua escolha neste momento.

Ela parecia preocupada.

— Eu não conheço nenhum de meus colegas de trabalho tão bem assim, e não os pediria para arriscar ser morto por minha causa mesmo se conhecesse.

Os olhos de Tony se tornaram curiosos.

— Você trabalha lá há anos, e não conhece bem nenhum de seus colegas?

Ela mordeu o lábio inferior.

— Eu não me misturo muito bem. Vivo em um outro mundo, diferente da maioria das pessoas modernas.

— Eu não entendo.

Millie riu. Tinha um som vazio.

— Eu vou à igreja, pago minhas contas em dia, obedeço à lei e vou para a cama com as galinhas, sozinha. Eu não me encaixo em uma sociedade que recompensa a permissividade e degrada a virtude. Eu não ando com pessoas que pensam que enganar é o melhor caminho para se dar bem, e dinheiro não significa muito para mim, além de ter o suficiente para sobreviver.

Ganhar dinheiro parece ser a força que move o mundo atualmente, não importando o que tenha que se fazer para consegui-lo.

Millie o fez se sentir desconfortável. Ela estava descrevendo o próprio mundo dele, no qual ele se ajusta muito bem.

Ela viu aquilo e suspirou.

— Desculpe. Eu te disse que não era normal.

— Eu não disse uma palavra, — ele disse na defensiva.

Ela procurou pelos olhos escuros dele.

— Frank mencionou que você acha que as mulheres são um prazer permissível, e que quanto mais atrevidas forem, mais você gosta delas.

Sua mandíbula se enrijeceu.

— O que há de errado nisto? — Ele perguntou. — Eu sou solteiro e eu não quero me estabilizar.

Ela ergueu as mãos.

— Eu não quis dizer isto como um insulto. Estou apenas assinalando que nossas visões de vida são muito diferentes. Eu não ficarei feliz ficando no quarto, durante a noite, com um homem que mal conheço.

Tony poderia tê-la debatido, fazendo-a confrontar o relacionamento deles. Eles se conheciam há anos, mesmo que a distância. Mas não seguiu por esse caminho. Ele ergueu uma sobrancelha.

— Eu não te ofereci a metade da minha cama, — disse de forma curta. — E nunca ofereceria. Você não faz o meu tipo.

— Pensei que eu tinha acabado de dizer isto, — ela respondeu.

Tony fez um som profundo em sua garganta. Ela o fez sentir vergonha. Ele olhou ao redor do apartamento.

— Eu tenho uma suíte, — disse depois de um minuto. — Você terá o seu próprio quarto. A porta tem uma fechadura. — Ele olhou diretamente para dentro dos olhos dela. — Não que você vá precisar disto.

Aquilo foi dito como um insulto. Ela entendeu isto. Mas tinha anos de prática em esconder seus sentimentos dele. Millie não reagiu. Ela não tinha muita escolha, também. Pensar em seu quase desastre na biblioteca ainda era desconfortável. Os amigos criminosos de John a veriam morta, se pudessem. Tony era a única coisa entre ela e uma funerária, e ela estava discutindo. Millie empurrou de volta um cacho de cabelo castanho e deu as costas pra ele. Estava ficando sem opção.

— Bem, eu não posso ficar aqui, — ela disse pra si mesma.

— Não, você não pode. E a força policial local não tem o tipo de orçamento que seria necessário para abrigar e alimentar você indefinidamente. Isto poderia continuar por semanas, Millie.

— *Semanas?* — Ela o encarou com terror. — Claro que não! A bomba...

— ... Pode ter sido um teste, — ele interrompeu, — para dar a seu assassino uma prévia, mostrando a ele como os oficiais da lei local reagem a um telefonema de emergência.

— Eu não tinha considerado isto, — ela confessou.

— Você devia. Não de trata de um criminoso insignificante, — ele acrescentou. — Ele é um profissional. Pode não ser o melhor — aquele explosivo de plástico que usou para a bomba não estava bem escondido ou particularmente bem feito. Mas sabe como chegar a você, e isso torna ele — ou ela — perigoso. Temos que colocá-la em algum lugar onde ele não tenha fácil acesso, que o atraia e o ajude a cometer algum erro, assim poderemos apanhá-lo.

— Como vamos fazer isto? — Ela perguntou.

— Você se muda comigo, — ele disse simplesmente. — Deixamos o boato se espalhar. Então esperamos pelo desenrolar dos fatos.

— Espere. — Ela puxou uma macha de cabelo solta. — Não posso esperar muito tempo, — ela se preocupou. — Tenho que trabalhar. Tenho que me sustentar.

— Você tem que estar viva pra poder fazer estas coisas, — ele lembrou a ela. — Eu liguei para o Frank. Ele pode pedir a seu contato no departamento de polícia para nos ajudar.

— Isso poderia ser sábio, — concordou. Ela ainda estava debatendo suas opções, mas não parecia ter outra saída. Queria poder voltar no tempo, para um período em sua vida quando não conhecia Tony Danzetta. Ela sofrera em silêncio por ele durante tantos anos que se tornara um hábito. Agora aqui estava ele, protegendo-a do perigo, por razões que ele ainda não tinha revelado. Ele foi honesto ao ponto da brutalidade sobre sua falta de interesse nela como mulher. Seria culpa, ela se perguntou, que o levara a ajudá-la? Talvez tivesse a oportunidade nos dias a sua frente para saber a resposta para aquela pergunta.

A SUÍTE DELE no hotel era enorme. Millie ficou fascinada pelo vislumbre de como a outra metade vivia. Sabia o quanto custava uma suíte neste hotel de luxo, e se perguntou como o trabalho de Tony no governo lhe permitia isto. Talvez, ela considerou, o pai adotivo dele tivesse lhe deixado muito dinheiro. Ele estava obviamente acostumado a ter tudo do bom e do melhor.

— Com fome? — Tony perguntou quando pôs a mala de Millie dentro do que seria o quarto dela.

— Pra falar a verdade, eu estou, — ela disse. — Nós podíamos ir a algum lugar e comer uma salada?

Ele franziu seus lábios, sorrindo.

— Que tipo de salada?

— Uma *Caesar salad* seria ótima, — ela disse.

— Que tal um bife para acompanhar, e uma batata assada com manteiga de verdade, cebolinha e creme de leite?

Seus olhos se alargaram.

— Isso parece maravilhoso. Café, também.

Tony acenou com a cabeça. Ele ergueu o telefone, discou um número, esperou um minuto e então prosseguiu fazendo o pedido para alguém do outro lado da linha. Deve ser o serviço de quarto, ela pensou. Fascinava-lhe o fato de que ele podia simplesmente pegar o telefone e pedir comida. A única vez que já fizera isto foi quando pediu pizza, e mesmo assim das pequenas.

— Trinta minutos, — ele disse quando desligou.

— Eu nunca fiquei num hotel nem tive serviço de quarto, — ela confessou. — Fiz uma viagem para a biblioteca uma vez, para uma conferência em Dallas e fiquei num hotel. Mas ele era pequeno, e eu comi num *McDonald's* ali por perto.

Ele deu uma risada.

— Eu não conseguiria viver sem serviço de quarto. Cheguei de um vôo do Iraque tarde uma noite, morrendo de fome. Eu pedi um bife com salada e um enorme sorvete, deste tamanho, às duas horas da manhã.

— Tem serviço de quarto nesse horário? — Ela exclamou.

Ele não mencionou que pagou um preço alto para que tudo aquilo fosse entregue, porque o serviço de quarto não funcionava de madrugada. Tony também era amigo do gerente geral daquele hotel em particular.

— Tem na Cidade de Nova Iorque, — ele disse a ela.

Millie se sentou em uma das grandes poltronas e Tony tirou a jaqueta, se esparramando no sofá.

— Acho que você já foi a muitos lugares, — ela disse.

Ele fechou os olhos, pôs as mãos debaixo da cabeça e sorriu.

— Muitos.

— Eu gostaria de ir ao Japão, — ela disse sonhadoramente. — Tem um agradável casal de idosos que veio de Osaka. Eu adoro ouvi-los falar sobre sua terra natal.

— O Japão é bonito. — Ele rolou, encarando-a, puxando um travesseiro para debaixo de sua cabeça. — Eu passei alguns dias em Osaka num caso, e tirei um tempo livre para pegar um trem

bala para Kyoto. Tem uma fortaleza samurai lá com portões de madeira enormes. Foi construída em 1600 e alguma coisa. Eles tinham *nightingale floors*...

— Tinham o quê?

— *Nightingale floors*. Se colocavam pregos debaixo do piso e pedaços de metal que entravam em contato com os pregos caso alguém caminhasse pelo chão. Fazia um som como um rouxinol, um bonito som, mas alertava ao samurai do lado de dentro imediatamente se assassinos ninjas estivessem prestes a atacá-los. Os ninjas eram conhecidos por suas habilidades furtivas, mas os *nightingale floors* os entregava.

— Isto é tão legal! — Ela exclamou.

Tony a estudou com um novo interesse. Quando ela estava excitada, seu rosto ruborizava e seus olhos brilhavam. Ela parecia radiante.

— Tenho lido sobre o Japão há anos, — ele continuou. — Mas pequenos detalhes como este normalmente não entram em livros de viagem. Você tem que realmente ir a um lugar para aprender sobre ele.

— Eu assisto aqueles documentários de viagem na televisão, — ela confessou. — Gosto especialmente daqueles onde pessoas comuns vão passear nas costas do país em lugares exóticos. Eu vi um onde um cara morava com os mongóis e comia rato assado.

Tony deu uma risada.

— Eu tive minha parcela deles. Sem falar em cobra e, uma vez, um gato muito velho e duro.

— Um gato? — Ela perguntou, horrorizada. — Você comeu um gato?!

Ele fez uma cara feia.

— Agora, ouça, quando se está morrendo de fome, não se pode ser seletivo! Nós estávamos numa selva, nos escondendo de rebeldes, e já tínhamos comido todas as cobras e insetos que podíamos encontrar!

— Mas, um gato! — Ela choramingou.

Tony fez uma careta.

— Era um gato velho. Pra ser honesto, já estava nas últimas. Nós o usamos para um guisado. — Ele se iluminou. — Nós vomitamos porque tinha um gosto muito ruim!

— Essa é boa! — Ela exclamou, indignada.

Ele rolou de costas.

— Bem, a única outra coisa à vista era um macaco que ficava atirando cocos na gente, e eu não como macacos! Mesmo se tiverem gosto de galinha. — Ele pensou sobre isso e deu uma gargalhada.

— Qual é a graça? — Ela quis conhecer.

Ele lhe deu um rápido olhar.

— Toda vez alguém come algo exótico, sempre diz: "Tem gosto de galinha!"

Millie fez uma careta.

— Eu aposto que o gato não tinha.

— Tem razão. Tinha gosto de... — Ele falou metade da palavra, enrubescou e recuou. — Eu prefiro comer *pemmican*, mas há um suprimento muito pequeno no restante do mundo. Minha bisavó costumava fazer. Nós a visitamos algumas vezes quando meu padasto trabalhava em Atlanta e morávamos com ele. Ela morava na Carolina do Norte, próxima à reserva, — ele recordou pensativamente. — Ela era incrível. Sabia como tratar de todos os tipos de males físicos com ervas. Saía todas as manhãs, juntando folhas e raízes. Queria ter prestado mais atenção.

— Ela era *Cherokee*? — perguntou, embora soubesse a resposta.

Tonny afirmou com a cabeça.

— De sangue puro, — ele acrescentou. Sua expressão se escureceu. — Como eu. Minha mãe casou-se com um italiano. Eles não gostaram disto. Ele era um estrangeiro. Renegaram-na, todos, exceto minha bisavó. Ela morreu quando eu era criança, e não voltei lá desde então.

— Isto é triste. Você ainda tem família, não tem?

— Sim. Um tio e alguns primos. Estive com meu tio uns anos atrás. Ele disse que eu devia voltar para casa e fazer as pazes com eles.

— Mas você não voltou.

— Minha mãe teve uma vida difícil, — ele disse. — Quando minha irmã e eu fomos para o orfanato, foi como o fim do mundo. Especialmente quando nos separaram. — Seu rosto se enrijeceu. — Ela se matou.

— Sua irmã? — Millie perguntou, triste por ele.

— Sim. — Ele lhe deu um rápido olhar. — Minha mãe de criação não te contou nada disto?

Millie enrubesceu. A mulher tinha falado bastante sobre Tony, mas nada realmente pessoal. Ela não admitiria que tinha tentado extrair algumas coisas dela. Millie desviou os olhos.

— Deve ter sido duro pra você, perder sua irmã.

— Sim. — Ele encarou o teto. — Um garoto no orfanato a engravidou e tentou forçá-la a fazer um aborto. Ela não iria fazer. Era profundamente religiosa e via isto como um pecado se chegasse a esse fim. E disse isso ao garoto. Então ele lhe fez ameaças e ela sentiu que não tinha pra onde ir. — Ele suspirou, seus olhos tristes. — Nunca teria feito aquilo se não estivesse meio fora de si. Ela também achava que suicídio era pecado. Mas no fim, tomou a única saída que conseguiu encontrar.

— Eu espero que ele tenha acabado na prisão, — ela murmurou. — Aquele garoto, quero dizer.

Tony fez um som profundo.

— Ele foi. E pouco tempo depois, morreu misteriosamente. Coisas estranhas acontecem com pessoas ruins.

Millie ficou imaginando se teve algum dedo de Tony na morte do garoto, mas não quis perguntar.

Ouviu-se uma batida na porta. Tony se colocou de pé num pulo, sorrindo amplamente.

— Comida, — ele adivinhou.

Ele olhou pelo buraco da fechadura e viu o carrinho, e o garçom. Abriu a porta e o deixou entrar.

O ALMOÇO ESTAVA delicioso. Millie nunca comera uma comida servida numa toalha de linho branco, com utensílios pesados e pratos sob coberturas de metal. Foi uma revelação. Ela mastigou sua salada com óbvio prazer e entrou em êxtases com a suavidade do bife e a deliciosa batata assada. Até o café estava maravilhoso.

Tony achou o óbvio deleite dela pela refeição humilhante. Comida e hotéis luxuosos eram coisas normais para ele. Há muito tempo já ficara farto dessas coisas. Mas Millie vinha de uma origem pobre, e vivia de um orçamento escasso. Ele imaginava que ela nunca tinha andado no *lobby* de um hotel de luxo, muito menos sido hóspede em algum. Ele começou a se imaginar levando-a para dar um giro em seu conversível, ou levando-a para velejar em seu iate nas Bahamas e deitar com ela no sol. Millie tinha um corpo delicioso. Ele se perguntou como seria fazer amor com ela nas areias de uma praia tropical. Então se perguntou que diabos estava pensando. Ela não era seu tipo de mulher. Millie nunca iria para a cama com um homem com o qual não tivesse se casado, não importando quais fossem seus sentimentos por ele.

Isso trouxe de volta um comentário de Frank, que Millie uma vez tinha sido apaixonada por Tony. Ele se recordou da tímida presença dela na casa da sua mãe de criação de vez em quando como convidada, seu brilho quando ele passava na biblioteca para ver sua mãe e acontecia de Millie estar por perto. Ele deve ter sido cego, decidiu, para não ter notado como sua presença iluminava a mulher reservada e introvertida em frente a ele do outro lado da mesa.

Millie parou de comer e o encarou, desconcertada por seu fixo olhar sério e firme.

— Eu... estou fazendo algo de errado? — Ela perguntou de uma só vez, sua atenção desviada para a prataria. — Eu não conheço os costumes de um lugar luxuoso...

— É só um almoço, Millie, — ele interrompeu. — Eu não estava estudando seus hábitos de comer. Eu estava pensando numa coisa, no passado.

— Oh. — Ela estava alerta, não convencida.

Ele bebericou o café.

— Por que você não me disse o que John estava fazendo com você quando eu voltei para casa dois anos atrás? — Ele perguntou.

Ela sentiu a pergunta de maneira penetrante.

— Eu sabia que você não acreditaria em mim. Você nunca gostou de mim.

Tony franziu as sobrancelhas.

— Eu não conhecia você.

— E não queria, também. — Ela riu de forma vazia. — Eu era a mulher invisível sempre que você voltava para casa para visitar sua mãe de criação. Ela me convidava pra conversar às vezes, porque sabia que eu não tinha nenhuma uma vida sobre a qual falar. Você nem sequer notava que eu estava por perto. Só ficava tempo o suficiente para dizer algumas palavras e então saía para algum encontro quente que Frank arranjava pra você, no bar onde trabalhava como segurança.

Aquilo o fez se sentir pior.

— Eu não queria nada sério com ninguém, — ele disse depois de um minuto. — Aquelas mulheres espetaculosas são boas para se divertir. Você não planeja um futuro ao lado delas.

Tony estava insinuando que elas eram boas para uma noite de sexo casual. O pensamento a envergonhou, deixando-a desconfortável. Era mais um lembrete da distância entre o seu mundo e o dele. Ela espetou uma batata assada e levou uma garfada à boca. Na verdade não estava sentindo o gosto de nada agora. Era apenas uma desculpa para ter algo o que fazer.

— Por que não disse a John para cuidar da própria vida e largar do seu pé? — Ele perguntou de repente.

Millie pareceu se encolher dentro de si mesma.

— Não teria feito bem algum, — ela disse a ele. — Eu realmente tentei, repetidamente. Simplesmente o deixou louco.

— Talvez tivesse ajudado a deixar as coisas mais claras se você tivesse parado de perdoá-lo, — ele continuou com teimosia. — Especialmente depois de tê-la atacado. Nenhuma mulher que se preze toleraria aquele tipo de comportamento de um homem.

Seu rosto enrubesceu. Ela abaixou o garfo e o olhou fixamente do outro lado da mesa.

— Isto é tão fácil para um homem dizer, — ela começou num tom baixo e furioso. — Você nunca apanhou até cair de joelhos de um homem enfurecido disposto a fazê-la pagar por não amá-lo. Eu tive escoriações em todo o meu corpo e fiquei apavorada, achando que ele realmente iria me matar! Ele gritou comigo, me chamou de alguns nomes e disse que me bateria até a morte se eu não cedesse e concordasse em me casar com ele. — Ela envolveu o corpo com os braços, como se sentisse um frio repentino. Seus olhos ficaram vazios. — Eu acreditei nele. Eu tinha certeza que iria me matar. No final, eu só gritava e gritava. Eu esperava morrer. Foi um milagre conseguir trancar a porta do quarto entre nós a tempo de pedir ajuda. O som das sirenes do carro de polícia foi a música mais bonita que eu já ouvira, — ela acrescentou em uma meia-voz suave que fez Tony se sentir ainda pior. — A policial que entrou primeiro deu a John um olhar furioso e quando ele avançou em direção a ela, sacou sua pistola e a apontou direito para o nariz dele. Eu sabia que ela atiraria se ele chegasse mais perto, e eu acho que ele sabia disto, também, porque parou. Ele se sentou no sofá e começou a chorar. Disse que era tudo minha culpa porque eu não iria me casar com ele.

— Ele tinha bebido?

— Sim. Mas não o suficiente para fazê-lo perder o controle, — ela disse amargamente. — A policial me disse isto. Ela me pediu para apresentar queixa, mas John ficou de joelhos e implorou que eu o perdoasse. Ele estava soluçando. Me senti envergonhada e culpada e concordei que ele não fosse preso. Isso não me fez ganhar nenhum ponto com a polícia, — ela acrescentou. — Mas não sei se prendê-lo de novo teria feito algum bem. Certamente não o teria feito parar de me perseguir, ou espalhar mentiras sobre mim. Ele já tinha sido preso antes, mas sempre saía em poucos dias, começando tudo de novo. Eu me recuperei da agressão, mas nunca iria ao apartamento dele novamente ou o deixaria entrar caso se viesse ao meu. Me assegurava de ter sempre pessoas por perto, ao meu redor, quando ele vinha para a biblioteca.

Tony se sentiu muito envergonhado.

— Frank disse que ele espalhou mentiras sobre você para sua chefe.

— Sim. E para os clientes. — Seus olhos se fecharam ante a amarga lembrança. — Eu pensei que perderia meu emprego para sempre. E teria perdido, se Frank não tivesse conversado com algumas pessoas. Ele tem sido o melhor amigo pra mim através disso tudo. Não sei o que teria feito sem ele.

— Ele está apaixonado por você, — Tony disse deliberadamente. — Mas acha que você não daria bola pra ele porque ele trabalha numa classe baixa de trabalho.

— O trabalho não importaria se pudesse me sentir desse jeito com ele. Eu queria poder, — ela acrescentou tranquilamente. — Mas não posso.

A confissão o fez se sentir bem. Tony não queria saber o porquê. Terminou seu café.

— Quer sobremesa? — Ele perguntou.

Millie riu.

— Eu teria que colocá-la no meu bolso, — ela disse. — Estou cheia.

— Eu também. Eles têm uma boa equipe de cozinha aqui.

— Eu que o diga. — Ela terminou seu próprio café. — Devemos empurrar o carrinho de volta até a cozinha? — Ela perguntou.

— Céus, não! — ele exclamou. — Eles vêm e pegam.

Millie corou. Ele a fez se sentir como uma idiota.

Ele notou e fez uma careta.

— Millie, eu não fui sempre rico, — ele disse gentilmente. — Tive que aprender coisas como o lugar apropriado dos talheres na mesa e etiqueta, também.

Ela encolheu os ombros.

— Eu sou apenas uma caipira do campo, sabe, — ela disse com um fraco sorriso. — Vivo com simplicidade. Isto... — ela sinalizou com a mão ao redor — ... é como um outro planeta pra mim.

— Aprender coisas novas não dói, — Tony disse. Ele deu uma risada. — A primeira vez que Jared e eu comemos num restaurante cinco estrelas, tivemos que perguntar ao garçom sobre os utensílios e tudo o mais. Felizmente ele era uma pessoa agradável. Poderia ter- nos feito sentir envergonhados, mas não o fez. Jared lhe deu cem dólares de gorjeta.

Millie ofegou. Era quase uma semana de salário pra ela.

— Eu sei. Era muito dinheiro para mim também, naquela época, — ele disse. — Eu era soldado, e antes disto, um operário comum, trabalhando numa equipe de construção.

— Como você ganhou tanto dinheiro? — Ela perguntou, genuinamente curiosa.

— Vendendo serviços aos governos como trabalhador autônomo, — ele disse simplesmente. — Inclusive o nosso. Jared e eu aprendemos táticas anti-terroristas e durante algum tempo, ele dirigiu uma companhia de segurança para a qual eu trabalhei. As táticas anti-terroristas são um bem valioso em alguns círculos. É um trabalho especializado e paga muito bem.

— Você entra em combate? — Ela perguntou.

— Se o trabalho exigir, — ele respondeu. — Você não pode ensinar numa sala de aula em uma zona de combate, — ele acrescentou com um sorriso. — Nós ensinamos forças pequenas sobre incursões e tática furtivas, sobre IEDs e organização das milícias locais — coisas assim.

— O que é um... — ela temia dizer a palavra — ... IED?

— Você poderia responder isto agora. — Ele deu uma risada. — É um artefato explosivo improvisado. Enviaram um pra você.

O sorriso enfraqueceu quando ele se lembrou o quão perigosa sua apresentação ao mundo do terror tinha sido. O dispositivo, tão desajeitadamente construído como estava, poderia tê-la matado no tempo de uma batida de coração.

— Você disse que não estava bem feito, — ela recordou.

— Não estava. Os bons se passariam por um manuscrito pequeno, — ele disse. — É um jeito covarde de se matar alguém.

Millie suspirou, olhando fixamente para o tapete.

— Eu não consigo acreditar que John estivesse tão desesperado, — ela disse, sacudindo a cabeça. — Para matar alguém, só porque ela não podia amá-lo. É... — Ela procurou por uma palavra.

— Insano, — ele disse entre os dentes. — John tinha problemas mentais. Eu ainda estou chocado que Frank e eu não tenhamos visto isto e você sim. — Isso o deixava desconfortável por outra razão, também, mas não contaria a ela nenhum dos segredos sobre seus passados. Ainda não.

Millie deu um sorriso vazio enquanto erguia os olhos para ele.

— É porque ele não estava tentando forçá-los a se casar com ele.

Tony deu um longo suspiro e olhou para seu relógio.

— Eu preciso encontrar um homem no salão de entrada a respeito de um trabalho, — ele disse. — Fique quietinha aqui, ok?

Ela afirmou com a cabeça.

— Obrigada pelo almoço.

— O prazer foi todo meu.

Tony a deixou sentada no sofá e foi ao andar de baixo para ver um agente do governo de seu departamento. Havia uma série de sequestros de pessoas ricas ao longo dos limites do Texas, e as habilidades de Tony poderiam ser úteis, eles pensavam. Ele tirou Millie de sua mente antes de sair do elevador.

Ela vagou pela suíte enquanto Tony estava fora, entrando no quarto dele por curiosidade. Sua mala estava aberta na cama. Ela ergueu uma camisa do tapete que tinha sido apressadamente descartada, provavelmente quando ele a trocara de manhã cedo. Ela a segurou em suas narinas e aspirou o cheiro. Millie sorriu, com os olhos fechados. As pessoas tinham uma fragrância pessoal, ela pensou, cada uma diferente. Ela reconheceria a de Tony num quarto escuro. Ele tinha um cheiro de ar livre, de especiaria e pinheiro. Ela amava o cheiro. Se lembrou da sensação de ser carregada, quando ele a levava para fora da biblioteca protestando. Seus braços tinham sido quentes e fortes e ela nunca queria tê-los deixado. Mas teria que partir.

Ela abaixou a camisa. Depois que um minuto, percebeu que ele saberia que ela tinha sido movida, um homem tão afiado e perspicaz quanto Tony. Millie a largou de volta sobre o tapete, saiu do quarto e fechou a porta.

CAPÍTULO 4

ERA TARDE QUANDO Tony voltou. Millie estava assistindo um filme na televisão, enrolada no sofá usando uma calça comprida e uma suave camisa de tricô amarela, com seus pés descalços debaixo dela. Ele sorriu com a imagem que ela criara. Tony pensou num pequeno gatinho, fofinho e doce, e removeu bruscamente este pensamento para fora de sua mente.

— Encontrou algo para assistir, eu presumo? — Ele provocou.

Millie tateou, procurando pelo controle remoto.

— Só um filme no canal aberto, — ela disse depressa, ruborizando-se.

Tony franziu as sobrancelhas.

— Você pode assistir *pay-per-view* se quiser, — ele disse. — Ouça, criança, três ou quatro dólares por um filme não irão me levar a falência.

Millie ruborizou ainda mais.

— Obrigada.

O embaraço dela o deixou desconfortável. Tony estava acostumado à mulheres que não se importavam em pedir os itens mais caros do menu, que pediam para serem levadas aos concertos mais caros, que queriam jóias de presentes. Esta aqui estava nervosa porque ele poderia pensar que ela estava assistindo um filme na TV por assinatura. Tony se sentiu estranho.

Millie se sentou e colocou os pés de volta nos sapatos *Mocassin*.

— Você quer assistir um show ou algo assim? — Ele perguntou.

Ela o encarou.

— Um show?

— Há uma companhia de teatro muito boa aqui. Eles têm balé, orquestra. Alguém provavelmente está apresentando algo natalino, embora ainda não seja a época do feriado.

Millie teria adorado ir. Mas se lembrou que não tinha um vestido apropriado para usar em algo tão sofisticado. Seu guarda-roupa era escasso, com exceção de alguns conjuntos apropriados para o trabalho. Nem mesmo tinha o tipo de sapatos que seria necessário para uma noite na cidade. Tony provavelmente tinha um smoking ou até mesmo um fraque guardado naquela mala que ela vira na porta do banheiro dele.

— Mmm... não, — ela falou de forma arrastada. — Eu acho que não. Obrigada.

Inconsciente das dificuldades dela com o guarda-roupa, Tony levou a recusa numa boa, achando que ela provavelmente não gostava de entretenimento intelectual.

— Você joga cartas? — perguntou.

Millie sacudiu a cabeça.

— Desculpe.

Ele encolheu os ombros e suspirou.

— Vai ser uma longa semana, — murmurou. Ele a estudou curiosamente. — Tudo bem, então. Quando você está em casa, o que faz à noite?

Ela parecia desconfortável.

— Eu leio livros, principalmente, se não tem nada interessante no canal de história militar.

Tony piscou os olhos.

— Você gosta de história militar?

— Amo, — respondeu, sorrindo.

— Qual período?

— Qualquer período, — ela disse a ele. — Eu li tudo que consegui encontrar sobre Alexander o Grande, Júlio César, Napoleão, cavalaria e batalhas dos Nativos Americanos do século XIX, Generais da Segunda Guerra Mundial, — ela falou sem parar. — Nunca encontrei uma batalha que não quisesse ler.

Tony se sentou de frente a ela.

— Eu tirei meu diploma em justiça penal, — ele disse. — Mas eu também me formei em história. Meu período favorito era a Segunda Guerra Mundial, o palco europeu.

Millie sorriu.

— Eu me lembro. Sua mãe de criação dizia que você estava sempre esboçando planos de batalha para ela durante o jantar.

Tony deu uma risada.

— Ela não entendia uma palavra do que eu falava, mas era sempre paciente e gentil. — O sorriso enfraqueceu. Ele abaixou o olhar para os seus sapatos. — Ela me mostrou que nem todos os pais adotivos são ruins. Eu passei por vários depois que nos mudamos da reserva na Carolina do Norte para a Geórgia.

Esta era uma experiência que tinha deixado cicatrizes nele. Millie ouvira a mãe adotiva de Tony falar sobre isto.

— Você disse uma vez que sua mãe morreu quando você era jovem.

Ele ergueu os olhos. Seus olhos estavam vazios, sem vidas.

— Esta não é exatamente a verdade. Eu não falo de verdade sobre ela há anos. Sobre ele, também. Meu padrasto, eu quero dizer. — Seus ombros largos se ergueram e caíram. — Eu conto histórias diferentes sobre eles para qualquer um que pergunta. Acho que estive fugindo da verdade durante toda minha vida.

Millie não falou. Apenas escutou. Esperou. Teve esperanças.

Ele notou e sorriu.

— Meu pai verdadeiro era primo de segundo grau da minha mãe. Ele morava na reserva Cherokee na Carolina do Norte onde ela cresceu. Mas era casado. Ela ficou grávida e não tinha nenhum dinheiro para dar um fim a isso. Então ali estava aquele grande e alto trabalhador de

construção italiano fazendo um projeto próximo à reserva. Ela começou a sair com ele e quando lhe disse que estava grávida, ele pensou que fosse dele. Então ela deu a luz a um bebê no período normal de duração de uma gravidez no que ele pensava ser seu sexto mês, e não houve mais jeito: o jogo havia chegado ao fim. Ele a odiou. Mas ficaram junto por mais três anos, até que minha irmã nasceu. Ele sumiu na poeira e a deixou com as crianças.

— Deve ter sido difícil. Ela era jovem?

— Tinha dezenove anos quando me teve, — Tony disse. — Não era terrivelmente jovem. Mas minha irmã era metade *Cherokee* e metade branca, e minha mãe não conseguia suportar a constante crítica de sua família. Quando eu tinha sete anos, ela deixou a reserva e nos pôs num ônibus para Atlanta. Nós não sabíamos, mas seu marido estava trabalhando lá. Ele descobriu pela família dela onde estávamos. Ele se mudou de volta conosco. Minha mãe poderia ter tentado correr, mas ele lhe disse que tinha direitos legais de tomar as crianças se ela fosse embora. Então ela ficou. E eu acabei com um nome italiano que não tem nada a ver com minha origem. — Ele riu. — A única coisa boa sobre isso é que salvou a vida de alguns soldados quando eu ficava irritado. Eles não faziam piadas de índio quando eu estava por perto, porque pensavam que eu era italiano. — Seus olhos reluziram. — Eu me orgulho da minha origem. Os *Cherokees* ainda são um povo orgulhoso, mesmo depois de todo o inferno que o governo nos fez passar quando nos pôs para fora de Oklahoma no auge do inverno, à pé, em 1838.

— Eu sei disto, — Millie disse. — Foi um trágico episódio.

— Um de muitos, — ele concordou.

Ela viu a dor em seu rosto. Tony ficava dando voltas sobre sua infância, tentando não lembrar. Millie queria que ele lidasse com isto. Ela poderia ser a única pessoa viva com quem ele realmente já tinha falado sobre o assunto. Isso o ajudaria.

— Seus pais não tiveram um casamento feliz, — ela estimulou.

Tony sacudiu a cabeça. Ele observou a parte de trás de uma grande unha, distraidamente.

— Meu assim-chamado pai bebia. Muito. E quando bebia, lembrava que eu não era seu filho e me fazia pagar por isto. Estive na sala de emergência a cada tantos meses com contusões e cortes. Uma vez, com um osso quebrado.

Millie estremeceu, pensando no quão difícil deve ter sido para ele, naquela idade, ser tão mal tratado por um homem que considerava ser seu pai.

— Sua mãe não fez nada para proteger você? — Ela perguntou, espantada.

— Ela não podia. Era uma mulher pequena. Ele batia nela o tempo todo. Era um homem grande. Minha mãe morria de medo dele. Ela não tinha nenhum lugar para ir. Ele sabia disso. Ele gostava disto. — Seu rosto enrijeceu. — Mas então ele começou a fazer coisas com minha irmãzinha, quando ela tinha mais ou menos oito anos. — Todo seu corpo pareceu contrair. — Minha mãe o pegou, tarde uma noite. Ela estava muito calma. Entrou na cozinha, pegou a maior faca de açougueiro que conseguiu encontrar e escondeu atrás dela. Voltou para a sala de estar, sorrindo. Disse que estava tudo bem, que não faria um escândalo, nem criaria caso. Ele sorriu de forma maliciosa. Sabia que ela não faria nada. Ele disse isso. Ainda consigo vê-la, sorrindo pra ele. Ela caminhou para ele como uma sonâmbula. Cravou aquela faca até o cabo no estômago dele, subindo até o coração. Ele nunca a viu chegar. Ela ainda estava sorrindo quando ele caiu no chão. — Seu olhos fecharam. — Eu nunca vi tanto sangue. Ela não se mexeu. Ficou lá, segurando a faca, enquanto a vida era arrancada dele. Ela nunca parou de sorrir, nem mesmo quando a levaram no carro da polícia.

Millie estava horrorizada. Não era de admirar que ele não estava ansioso para se casar e se estabilizar.

— O que aconteceu com ela? — perguntou gentilmente.

Tony soltou um longo suspiro.

— Eles a confinaram. Disseram que estava louca.

Seu coração deu um salto.

— E estava?

Ele encontrou os olhos dela.

— Eu nunca tive certeza, Millie, — disse gentilmente. Sua expressão estava atormentada. — Ela morreu antes de fazerem os testes que podiam ter apoiado suas teorias. — Tony mudou um pouco de posição. — Nosso primeiro par de pais adotivos nos contou muito pouco, mas mencionaram que o psiquiatra disse que era esquizofrenia. Há uma tendência hereditária ligada a isto, pelo que eu soube.

Não era de se espantar que ele não revelasse seu passado. Ele tinha vergonha. Talvez tivesse medo, também. Talvez pensasse que ele mesmo ficaria louco.

Millie levantou do sofá e se ajoelhou na frente dele, se equilibrando com uma mão em um grande joelho.

— Eu li sobre doença mental. Alguns processos da doença têm uma tendência genética. Isso não garante que qualquer outra pessoa na família alguma vez desenvolverá a mesma enfermidade, — ela disse firmemente. — Você é tão são quanto eu, — acrescentou. — Se você tivesse deficiências mentais, acredite em mim, elas teriam aparecido cedo. Muito cedo.

Tony desceu seu olhar até ela, franzindo a testa.

— Você acha? — Ele perguntou.

— Eu sei disso. Você já torturou algum animal por diversão? Colocou fogo na sua casa? Molhou a cama quando era adolescente?

Ele riu.

— Nenhum desses.

— Eu não sou nenhuma psicóloga, — Millie disse a ele. — Mas sou uma grande leitora. As crianças mostram sinais de doença mental na infância. Como você estava num sistema de bem-estar da criança, eu estou certa que os assistentes sociais prestariam atenção em você de perto, considerando a doença de sua mãe. Eles teriam te colocado imediatamente na terapia se tivessem a menor suspeita de que tinha problemas.

Tony ergueu a cabeça e riu profundamente.

— Posso dizer que você não teve nenhum contato com o sistema, — ele disse com um suspiro. — Há pessoas que dão o seu melhor para as crianças adotivas. A mulher que você conheceu, que me trouxe para San Antonio e me fez passar pelo segundo grau era com certeza uma das melhores mães de criação. Mas eu vivi com uma família em Atlanta que tinha sete filhos adotivos. Eles usavam o dinheiro que o estado lhes dava para jogar. Iam até Cherokee todo o mês e torravam o dinheiro nas máquinas caça-níqueis, esperando ficarem ricos. Enquanto isso, as crianças ficavam sem roupas para a escola, comida, atenção, e qualquer outra coisa. Nenhum assistente social alguma vez pôs os pés naquela casa. Ninguém investigava quando íamos para a escola sujos. O estado finalmente tomou conhecimento quando um dos nossos professores começou a fazer perguntas. Nós fomos tirados daquela casa. Mas, entenda, não tinham nenhuma outra família disposta a levar a mim e a minha irmã juntos. Foi quando fomos separados, exatamente antes de eu ser acolhido pela mulher que me adotou e eventualmente me trouxe para o Texas.

— Eu sinto muito, — Millie disse.

Ele a trouxe as mãos dela até sua boca e as beijou.

— Você sempre teve o coração mais mole, — ele disse suavemente, surpreendendo-a. — Eu lembro como você amava as crianças. Você contava histórias na biblioteca durante as férias de verão, e elas se juntavam ao seu redor como moscas ao redor do mel. — Ele riu suavemente. — Eu amava observar o seu rosto quando contava aquelas histórias. Você se iluminava como uma árvore de Natal.

Millie estava surpresa.

— Quando você me viu fazendo isto?

— Muitas vezes, — ele disse de forma surpreendente. O sorriso se enfraqueceu. — Eu pensava muito em você. Estava em uma profissão perigosa e longe de querer me estabilizar. Mas costumava pensar que se alguma vez resolvesse me estabilizar, você estaria no alto da minha lista de pretendentes. — Seu rosto se tornou sombrio. — E então John começou a me alimentar com mentiras sobre você. E eu dei ouvidos.

Millie começou a se afastar, mas Tony pegou seus pulsos e a manteve lá, seus olhos pretos firmes e sondadores.

— Eu queria poder voltar atrás, — ele disse. — Mas não posso. Eu realmente sinto muito pelo modo que a tratei. Especialmente na casa funerária.

A sensação de suas mãos grandes e quentes ao redor de seus pulsos não era ameaçadora para ela. Elas eram confortantes.

— Você não me conhecia, — ela disse.

— Eu não queria conhecer você. — Tony fez uma careta. — Talvez eu nunca saia de mim e perca a cabeça, como minha mãe fez. Mas tenho um passado que faz com que seja difícil para qualquer mulher viver comigo de maneira permanente. Eu faço minha vida com armas, Millie, — acrescentou, observando seu rosto. — Trabalho para uma agência do governo que me envia em missões quando todas as outras opções falham. É um trabalho perigoso. Não posso me permitir nenhum tipo de distração. É por isso que não me envolvo com boas garotas. Garotas como você.

Começava a fazer sentido. Garotas que só queriam diversão não esperavam finais felizes. Elas, como Tony, viviam apenas o momento. Ele gostava de seu trabalho, não pensava em largá-lo, e estava dizendo a Millie para que ficasse longe dele. De uma forma gentil, mas definitivamente a mesma mensagem.

Ela forçou um sorriso.

— Você está me prevenindo para manter distância, — ela disse, tentando soar desinteressada. — Eu devia ficar lisonjeada?

Tony soltou os pulsos dela.

— Eu não quero machucar você, — ele disse solenemente. — Eu poderia. Você não tem experiência do mundo.

Ela ficou de pé, voltou para o sofá e se sentou.

— Acho que não tenho. Eu sou bibliotecária, — ela disse filosoficamente. — O trabalho de biblioteca não é coisa de Indiana Jones.

— Não. Mas se você lê história militar, você é, pelo menos, uma aventureira de sofá, — ele provocou.

Ela sorriu, escondendo sua miséria e sofrimento.

— O que você gosta de ler?

— Os clássicos, — ele disse. — Mas sou favorável à minha própria história militar.

— Você tem um *hobby*? — Perguntou, fascinada com o que estava aprendendo sobre ele.

Tony sorriu amplamente.

— Eu gosto de cozinhar, — ele disse a ela. — Eu sei fazer quase tudo, até mesmo *macarons*.

Ela riu.

— Eu também.

Ele franziu os lábios.

— É uma pena não termos uma cozinha aqui.

— Não é mesmo?

Tony se levantou e se espreguiçou, os músculos poderosos ondulando em seu tórax e braços.

— Foi um longo dia. Normalmente fico acordado até tarde, mas estou muito cansado. Assista outro filme, se quiser. Não vai me incomodar.

Millie acenou com a cabeça, mas parecia desconfortável.

— O que foi? — Ele perguntou.

Ela fez uma careta.

— Eu estava tão agitada que eu me esqueci de pôr na mala qualquer coisa para dormir...

— Agora este é um problema que eu posso resolver, — Tony disse a ela. Ele entrou em seu quarto, remexeu em sua mala e voltou com uma camisa branca de gola redonda novinha em folha. — Vai te engolir por inteiro. Igual a um vestido, eu diria. — Ele deu um largo sorriso.

Ela riu e combateu um rubor. Tony era realmente enorme. A camisa viria até seus joelhos e daria pra dar três voltas em torno dela.

— Obrigada.

— Hey! Nós somos companheiros de quarto. Temos que compartilhar, certos? — Ele piscou para ela. — Durma bem.

— Você também.

Ele entrou em seu quarto e fechou a porta. Millie desligou a televisão e se retirou para seu próprio quarto. Depois que apagou a luz, deitou na escuridão, amando a sensação e o cheiro da camisa contra sua pele. Ela se perguntou se conseguiria achar uma desculpa para não devolvê-la.

Estava contente por Tony ter lhe contado a verdadeira história de sua origem. Ela o entendia muito melhor. Ele tinha boas razões para não querer se envolver com mulheres. Mas se perguntou se ele estava começando a sentir a necessidade de uma companhia, mais do que por apenas uma noite. E ele mencionou observar Millie ler para as crianças, como se estimasse com prazer a memória. Ela se sentiu aquecer completamente ante a ideia de que Tony tinha sentido algo por ela, até John matar esse sentimento com suas mentiras.

Seu coração começou a pesar. Era muito bom pensar que tinha tocado aquele coração frio, mas ele não estava dizendo que a amava ou queria viver com ela. Estava apenas cuidando dela, provavelmente por se sentir culpado por causa do modo que a tratara. Não era um prelúdio de uma vida de feliz união. Para Tony, era apenas mais um outro trabalho. Ela era um trabalho. Era bom se lembrar disso e se concentrar em suas prioridades. Quando o perigo terminasse, voltaria para sua biblioteca e Tony partiria sem nunca olhar para trás.

Millie fechou os olhos e tentou dormir. Era quase de manhã quando finalmente conseguiu.

MAIS DOIS DIAS se passaram sem nenhum sinal de qualquer assassino de aluguel. Tony mantinha contato tanto com Frank quanto com seu amigo detetive. Não havia nenhuma fofoca nas ruas sobre o atentado. Isso incomodava Tony. Sabia que o assassino provavelmente sabia onde Millie se encontrava e estava esperando o momento propício até achar uma brecha. Isto podia se arrastar por semanas. Millie não podia ficar longe do trabalho para sempre, e Tony tinha um compromisso fora do país. Mas não parecia haver nenhuma forma de capturar o assassino de aluguel em campo aberto.

Millie estava diminuindo sua energia e resistência e isso o perturbava. Ele se descobriu observando-a. Ela era bonita, de certo modo, e sua imagem era atormentadora. Ficava excitado com ela. Millie não se vestia de maneira provocativa, mas tinha ousados seios pequenos arrebitados que não eram disfarçados por seu sutiã nem pelas blusas de tricô que usava. Tony passava cada vez mais tempo pensando em como poderia ser a sensação deles em sua boca.

Isso o deixou mal-humorado. Estava acostumado a mulheres que se entregavam sem reservas. Millie estava atraída por ele, também. Podia ver. Frank tinha dito que ela era apaixonada por ele. Estava tentado a ver quão longe ela o deixaria ir, mas não tinha certeza de sua própria habilidade de parar a tempo. Tony não tinha uma mulher há meses, e não era um homem que conseguia se abster por longos períodos de tempo.

Millie notou sua crescente irritabilidade e achou que ele não gostava de tê-la limitando e atrapalhando seu estilo de vida. Obviamente Tony não podia pegar nenhuma outra mulher enquanto a estivesse protegendo. Ela se sentiu culpada. Teria adorado ir para casa, e vê-lo sorrindo pra ela outra vez, ainda que isso significasse desistir dele para alguma mulher chamativa, espetaculosa e superficial. Estava conformada com o fato de que Tony nunca iria querê-la. Ele tinha dito várias vezes que ela realmente não era seu tipo.

Na noite seguinte, Tony ficou andando para cima e para baixo pelo quarto até que a deixou desconfortável o suficiente para ir para a cama.

— Não saia correndo por minha causa, — ele disse de forma curta. — É só que não estou acostumado a esta grande inatividade.

— Não, estou realmente com sono, — ela o assegurou. — Boa noite.

— É. Boa noite. — Ele disse isso com puro sarcasmo.

Millie colocou a camiseta dele e se esparramou na cama com as luzes ainda ligadas. Ela estava tão inquieta quanto ele, e provavelmente igualmente desconfortável. Millie desejava ansiosamente por algo, por beijos, por carícias, por contato humano. Ele não a tocara desde que segurara seus pulsos enquanto estava falando sobre sua mãe. Mas a tinha observado. Seus olhos eram estreitos e cobiçosos. Millie podia ser inocente, mas reconheceu aquele calor nele. Estava nela, também, e não sabia o que fazer sobre isto. Nunca sentira algo tão forte antes.

Ela se espreguiçou novamente, gemendo suavemente enquanto pensava o quão doce seria deitar nos braços de Tony e deixá-lo beijá-la até que seu desejo parasse.

OuvIU o toque do telefone. Poucos minutos depois, ele bateu em sua porta e a abriu sem perguntar se ela estava decente.

Tony congelou na entrada da porta, percorrendo os cumes afiados de seus seios e o longo comprimento de suas lindas pernas descobertas. Seus dentes se apertaram.

— Um tubarão deve se sentir assim, logo antes de morder, — ele disse em um tom áspero, e riu.

— O quê? — Ela perguntou, ofegante.

Tony fechou a porta atrás de si, jogou o telefone celular que estivera usando sobre a cômoda e foi direto para a cama.

Enquanto Millie estava se questionando sobre o que fazer em seguida, ele moveu sobre a cama, deslizou suas mãos grandes e quentes debaixo da camiseta, e começou a beijá-la como se estivesse faminto. A combinação do beijo cáldo e urgente e suas mãos quentes e enormes em seus seios enrijecidos era mais do que seus escrúpulos recatados conseguiriam dominar. Ela arqueou, se erguendo para suas mãos e gemeu tão faminta que ele deslizou entre as longas pernas dela sem hesitar por um segundo, deixando-a sentir o que ela já sabia — que a desejava.

Era cada sonho de paixão que Millie já tivera, se realizando. Tony cheirava a especiaria e sabão. Seu cabelo preto longo e ondulado estava solto, ao redor dos ombros. Ela o agarrou em suas mãos e saboreou a sensação de seda, amando seu comprimento. Abaixou os olhos, olhando através de um turbilhão de calor para a boca dele em sua pele suave, cobrindo completamente um seio pequeno. Era tão erótico que ela se ergueu, arqueando para fora da cama para forçar a boca dele pra mais perto. Millie fechou os olhos, tremendo com a tensão que crescia e crescia até que pensou que poderia morrer de desejo.

A camiseta estava em algum lugar do chão, junto com a calça do pijama dele. A boca de Tony estava em todas as partes dela, em sua garganta, sua boca, seus seios, deslizando com a astúcia de um perito para sua barriga lisa e se prolongando lá enquanto suas mãos provocavam a extremidade de sua calcinha. Ele a sentiu tremer, ouviu-a prender a respiração. Só mais alguns segundos, ele pensou com pura lascívia, e Millie não seria capaz de pará-lo. Ele estava queimando, tão perdido que sua cabeça estava girando com a doçura de pele dela debaixo de sua boca.

Millie sentiu a mão dele ir para debaixo de sua calcinha e quando ele a tocou, em vez de completar a excitação, o choque fez com que percebesse o que estavam prestes a começar. Tony deixaria a cidade e voltaria para o trabalho e nem sequer lembraria o que tinha acontecido. Ela seria deixada com um sonho manchado e uma possível gravidez, porque não tinha nada para usar para o controle de natalidade.

Mas quando ela empurrou seus ombros, ele não percebeu que ela estava tentando pará-lo. Ele estava tirando sua calcinha e ela estava quase tão faminta para discutir. Mas ela tinha. Ele nunca a perdoaria...

— Eu não posso! — Ela irrompeu. — Tony, eu não posso! Você tem que parar!

Ele ergueu a cabeça. Seus olhos estavam vidrados. Estava respirando como um maratonista. Seu peito largo, musculoso e coberto de pelos estava arfando a cada respiração.

— O quê? — Ele disse num tom sufocado.

— Eu... eu não posso! — Ela repetiu.

A respiração não diminuiu a velocidade, e a mão dele ainda estava se movendo.

— Por que não?

— Eu não estou tomando pílula! — Ela irrompeu.

— Não está tomando pílula. — Ele piscou. — Tomando pílula.

— Eu poderia ficar grávida! — Ela insistiu.

A sanidade voltou numa torrente fria. Tony tomou lentos fôlegos até que conseguisse se controlar. O que só fez piorar, porque tinha estado totalmente indefeso e ela tinha visto isto. Seus olhos arderam com raiva, com condenação.

Com um movimento suave, saltou para longe dela, rolou para fora da cama e ficou de pé. Ele pegou a calça de seu pijama e virou para encará-la, ainda condenando enquanto Millie se arrastava para debaixo da colcha.

— Ora, se não é a melhor piada que eu já vi! — Ele murmurou furiosamente. — Você me dá um olhar provocante e sedutor, abre seus braços para mim e retribui como uma profissional. Então no último minuto, quando estou completamente fora de mim, você me empurra e diz que tenho que parar porque poderia ficar grávida! Isto é muito engraçado! Muito engraçado!

— Eu não percebi...! — Ela tentou se defender.

— De todos os truques sujos, baixos e desprezíveis para se tirar proveito de um homem, este é o pior, — Tony disse em um tom capaz de tirar a paz de qualquer um. — Você estava se vingando, não estava? Eu te tratei mal no enterro do John e você queria dar o troco?

Millie ruborizou e deixou o olhar cair. Ela não iria chorar. Ela não iria chorar! Mordeu o lábio inferior, com intensidade, enquanto lutava por controle.

— Eu não fiz isso pra me vingar.

— O diabo que você não fez!

— Eu não tinha nada para usar, — ela protestou, trêmula. — Eu nunca precisei... nunca tive que... eu não sei...

— Você sabia de tudo isso quando entrei aqui, — Tony disse friamente. — Podia ter dito isso então.

Ele estava certo, claro. Ela poderia. Mas nunca estivera nos braços de Tony, nunca tinha sido segurada tão perto por ele, beijada por ele, e Millie teria morrido por aquela experiência. Tinha sido como paraíso, aqueles poucos minutos quentes antes de recobrar a consciência. Não podia se defender. Tony provavelmente estava machucado. Millie rangeu os dentes. Ela nem mesmo sabia como se desculpar.

Ele fixou os olhos na imagem que ela fazia, embrulhada na cobertura, apenas sua cabeça aparecendo, seus olhos escondidos, seu rosto pálido. Se não tivesse sido tão machucado, poderia ter sido menos volátil em seu tratamento com ela. Mas a dor era terrível.

Ele se virou e saindo do quarto, batendo a porta com tanta força que a deixou entreaberta, fumegando e amaldiçoando baixinho. Seu telefone celular tocava e tocava. Tony finalmente percebeu que ele estava na cômoda do quarto de Millie. Ela não tinha se movido nem uma polegada quando ele o apanhou o e abriu.

— Alô, — ele disse furiosamente.

— Oi, estranho, — veio um ronronar, num tom sensual. — Eu fiquei sabendo pelo Frank que você estava na cidade. Que tal um pouco ação? Não tenho nada pra fazer hoje à noite.

— Nada pra fazer? — Sua voz mudou. O tom ficou mais solto. Tony parecia sedutor, ciente que ainda estava de pé na entrada do quarto de Millie e que ela podia ouvir cada palavra. — Não podemos permitir isto. Olha o que eu acho, gatinha, por que você não vem aqui, aí tomamos uns *drinks* e vemos o que acontece.

— Que ótima ideia! — Ela se entusiasmou. — Uma vez que eu já sei o nome do hotel e o número do quarto, — ela disse, — te vejo em dez minutos?

— Dez minutos está ótimo. Tempo suficiente pra eu tomar um banho e vestir algo confortável. Te vejo em breve, doçura.

Ele não olhou de volta. Podia imaginar a expressão de Millie, e isso o fez se sentir bem. Ela tinha lhe dado uma desagradável surpresa, era muito justo lhe dar uma também. Tony foi direito pro seu quarto, apanhou algumas roupas limpas e caminhou em direção ao banheiro para tomar banho, sem nem uma única gota de remorso.

CAPÍTULO 5

MILLIE OUVIU O convite descarado de Tony para a outra mulher com pura angústia. Ele não se incomodou em olhar em sua direção enquanto ia em direção a seu próprio quarto. Talvez ela o tivesse frustrado, talvez estivesse bravo, mas isso não era nenhuma desculpa para trazer uma de suas mulheres espetaculosas pra cá e seduzi-la aonde Millie conseguiria escutar tudo.

Ela podia ser uma decepção para ele, como mulher, mas não era um capacho. De jeito nenhum ficaria ali ouvindo ele se atracar com sua namorada! De jeito nenhum!

Furiosa, agora, Millie colocou suas roupas e o sobretudo, lutando de novo contra as lágrimas, agarrou sua bolsa, fechou a porta do quarto e caminhou direto para fora do apartamento. A última coisa que ouviu no caminho foi o som do chuveiro ligado.

TONY ESTAVA USANDO calça comprida e uma camisa azul que se ajustava a sua compleição sombria. Ele saudou Angel com um sorriso e a convidou para entrar. Ela estava usando calça comprida preta sensual com uma blusa de renda, e seu longo cabelo preto estava balançando livremente.

Seus olhos pretos o provocaram enquanto andava de frente a ele para a sala de estar.

— Quanto tempo não o vejo. — Ela riu. — Você parece bem.

— Você também. — Tony se curvou e a beijou, não apaixonadamente, mas de forma gentil. Ele foi servir as bebidas. — Como tem passado?

Ela lhe contou. Ele parecia estar escutando, mas sua mente estava no que tinha acontecido com Millie. Agora que estava menos estimulado, recordava que não tinha sido Millie quem começou a fazer as coisas rolares. Tinha sido ele. Mergulhara nela como um tubarão faminto. Ela, com sua óbvia inexperiência, não tivera chance. Se tivesse permanecido quieta, não haveria uma maldita chance que ele parasse a tempo. A essa altura, estariam tendo uma conversa sobre testes de sangue e bebês. Seu rosto enrubescou só de pensar nisso.

— Qual o problema? — Angel perguntou.

— Nada, — ele disse depressa, colando um sorriso no rosto. — Tem visto Frank ultimamente?

Ela soltou uma audível respiração.

— Tony, eu acabei de falar com você sobre Frank. Há uma oferta de trabalho em Dallas e ele quer pegá-la. O gerente do clube está oferecendo a ele uma promoção no trabalho de segurança e irá treiná-lo. Paga bem.

— Não me diga! Frank não me disse nada sobre isto, — ele acrescentou.

— Ele estava em Dallas, fazendo entrevistas. Acabou de voltar. Eu o vi no clube quando saí de folga hoje à noite. Ele vai te contar amanhã. — Ela bebericou sua bebida, colocou na mesa e deslizou descaradamente para o colo de Tony. — Não vamos falar sobre Frank. Eu estou solitária. — Ela colocou sua boca contra a dele com um pequeno gemido.

Nos velhos tempos, isso teria feito o fogo queimar. Mas não esta noite. Tony estava lembrando a expressão triste de Millie. Ela estaria sentada no quarto ouvindo-o com Angel e provavelmente chorando por causa de sua insensibilidade.

Ele se afastou.

— Nós teremos que adiar qualquer coisa além das bebidas e da conversa, — ele disse gentilmente. — Estou no meio de um trabalho. Tem uma mulher que estou protegendo, — ele acrescentou, lançando a cabeça em direção ao quarto. — Ela está dormindo, mas poderia acordar.

— É sua namorada? — Angel perguntou.

— Ela é bibliotecária, — Tony respondeu categoricamente.

— Oh, bom Deus, pobrezinho! — Ela riu. — Uma bibliotecária! Como te convenceram a se envolver num trabalho como este?

Ele ficou ofendido pela atitude dela em relação a Millie.

— Não é exatamente fácil conseguir um trabalho como esse, — ele disse, seus olhos se estreitando. — Minha mãe de criação era bibliotecária pesquisadora. Teve que fazer faculdade para conseguir o trabalho, e mesmo assim teve que bater a concorrência por isto. Assim como a mulher a quem estou guardando. É necessária uma boa educação, — ele acrescentou.

— Puxa, me desculpa. — Angel riu. — Aqui estou eu com meu diplomazinho do segundo grau ridicularizando uma graduada na faculdade!

Tony se sentiu desconfortável. Ele a empurrou para longe e se colocou de pé.

— É só um trabalho.

Angel se levantou, também. Ela lhe deu um sorriso divertido enquanto pegava sua bolsa. Parou bem na frente dele.

— Exatamente quantos anos tem essa ratinha de biblioteca que você está esta tomando conta?

— Eu não sei. Deve estar nos seus anos vinte.

— Bonita?

Ele franziu as sobrancelhas.

— Por dentro, ela é bonita, — respondeu.

— Pobre homem, — ela suspirou. Foi até ele e beijou sua bochecha. — Acho que todos nós encontramos nosso Waterloo um dia. Parece que esse é o seu. — Ele deu uma risada. — Boa sorte.

Aquele mesmo pensamento estava apenas começando a se formar em sua própria mente. Ele sorriu timidamente.

— É. Obrigado. — Ele curvou e beijou sua bochecha. — Foi divertido enquanto durou.

— Digo o mesmo. Veja você por aí, — ela acrescentou, e piscou enquanto ia embora.

Tony permaneceu em pé, olhando fixamente para a porta fechada, com as mãos nos bolsos da calça e seu coração ainda nos pés. Ele fizera uma confusão terrível das coisas. Millie iria odiar o seu atrevimento.

Parou do lado de fora da porta dela. Queria se desculpar, dizer a ela que convidar Angel para ir até ali foi maldade e estava arrependido. Ele estava arrependido por colocá-la contra a parede e fazê-la se sentir culpada e vulgar, quando a culpa era toda dele. Ele era o único que tinha causado o problema, e a tinha culpado. Iria doer, esta desculpa. Com um sorriso melancólico, bateu suavemente na porta.

— Millie? — Ele chamou.

Não houve nenhuma resposta. Tony tentou novamente, com o mesmo resultado. Ela deveria estar no banheiro e não conseguia ouvi-lo. Suavemente ele abriu a porta e examinou o lado de dentro. A cama estava vazia. O casaco e bolsa da Millie tinham sumido. Ele correu para o banheiro. Estava vazio, também. Millie se fora! Ela saíra, provavelmente enquanto estava no chuveiro se vangloriando por ter convidado Angel para mostrar a Millie que não poderia se importar menos para o que ela pensava sobre ele. Agora ela estava em perigo. Se o assassino de aluguel estivesse mantendo o olho nela, a veria deixar o hotel, na escuridão, completamente sozinha. Teria uma oportunidade perfeita para matá-la, e Tony seria o responsável.

Ele agarrou o celular e esmurrou os botões, discando o número do Frank. Deus, ele esperava que o celular de Frank estivesse ligado!

De fato, o celular dele estava ligado. Ele atendeu no segundo toque.

— Frank! — Tony disse de uma só vez. — Eu preciso que ligue pro seu amigo detetive e diga a ele que Millie está no caminho de volta ao seu apartamento, sozinha. Tenho que tirar meu carro da garagem do estacionamento e levará um tempo precioso. Ele precisa enviar alguém para o seu endereço agora mesmo!

— Millie foi para casa sozinha? — Frank estava num mar de confusão. — Mas como ela conseguiu sair passando por você? E por que ela partiu no meio da noite?

Tony rangeu os dentes.

— Te conto mais tarde, — ele rangeu. — Faça o que puder para conseguir alguém pra ir ao apartamento dela, tá? Millie pode estar perfeitamente segura, mas eu tenho um pressentimento... Não importa. Obrigado. — Ele desligou antes que Frank tivesse a chance de fazer mais perguntas

embaraçosas. Então desceu correndo os degraus, chegando antes do elevador, a caminho da garagem do estacionamento. Tony orava a cada passo do caminho para que não fosse tarde demais. Aquela doce e gentil mulher não teria chance se o assassino estivesse em qualquer lugar ali por perto!

TONY QUEBROU OS limites de velocidade e ultrapassou os sinais vermelhos através da cidade chegando ao prédio do apartamento de Millie, e teve a boa sorte de não ser visto por nenhum carro patrulha no processo. Estacionou no primeiro lugar que viu pela frente, saiu e correu em direção ao prédio. Tony não viu outro carro, ou qualquer outra pessoa, na entrada. Talvez, ele pensou, só talvez tivesse sorte.

Ele subiu a escadaria para o quarto andar e caminhou cautelosamente corredor abaixo. Parou em frente ao apartamento de Millie, olhando ao redor cuidadosamente. Ele ficou aliviado por não ver nenhuma atividade. Tinha acabado de relaxar e estava prestes a bater na porta quando ouviu vozes no interior do apartamento. Uma era masculina.

Tony quase lançou seu peso contra a porta para forçá-la no pânico do momento, mas daquele jeito ela seria morta se a voz que ele ouvia fosse a do assassino. Então tirou os sapatos, arrombou a fechadura com absurda facilidade – agradecendo Deus por ela não ter uma trava de segurança – e retirou a arma do coldre enquanto abria a porta silenciosamente.

– ... nunca pensei que seria tão fácil. – Uma voz masculina deu uma risada. – Não precisei nem levar em conta as habilidades do seu namorado.

– Você poderia simplesmente atirar em mim, – Millie perguntou em um tom cansado do mundo, – e não conversar comigo até a morte?

– Ora, você tem coragem, – o homem disse com relutante admiração. Ele ergueu uma pistola com um silenciador improvisado – uma garrafa vazia de refrigerante de 2 litros – preso com fita adesiva até a boca de arma. – John diz adeus.

– Não. *Eu* digo adeus. – Tony tinha a pistola apontada para o homem ao mesmo tempo em que falava, suas mãos firmes, sua voz tranquila e fria.

Enquanto o assassino de aluguel se virava, chocado, e erguia então sua arma novamente, Tony puxou o gatilho. O assassino caiu no chão e não se mexeu.

Tony afastou a pistola dele, verificou para ter certeza que o assassino não iria se levantar novamente e ajoelhou ao lado de Millie, que estava sentada congelada na beirada de sua cama. Seu rosto estava branco. Seus olhos estavam vazios com o choque. Ela olhou para Tony, mas nem ao menos o viu.

Houve uma batida urgente na porta.

– Senhorita Evans? – Uma voz chamou com profunda preocupação.

– Fique aqui, – Tony disse suavemente. – Eu atendo.

Ele abriu a porta, e o amigo detetive de Frank estava lá, de pé, com um oficial de patrulha.

– Nós ouvimos um tiro quando saímos do elevador. A Senhorita Evans está...? – o tenente começou.

– Ela está bem, – Tony disse, – Mas, infelizmente para ele, o assassino de aluguel não me ouviu entrar.

O tenente reparou a pistola no coldre. Tony retirou sua ID, mas o tenente a recusou.

– Não é necessário, – ele disse. – Eu estava no telefone com seu chefe justamente nesta tarde. Onde está o falecido?

– Aqui. – Tony os levou para o quarto de Millie. Ela estava sentada, encarando o espaço.

– Ela está muito abalada, – ele disse os outros homens.

– Senhorita Evans, você não gostaria de se sentar na sala de estar enquanto processamos a cena? – O tenente perguntou a ela.

Millie olhou para ele inexpressivamente. Ele fez uma careta.

Tony se curvou e a ergueu em seus braços, embalando-a um pouco perto demais de seu peito sólido, como resultado do medo, e a carregou delicadamente para a sala de estar. Ele roçou sua boca sobre a testa dela enquanto a colocava no sofá.

— Vai ficar tudo bem, — ele disse suavemente. — Eu prometo.

Ela não fez nenhum som. No espaço de minutos, sua vida inteira tinha sido virada de cabeça para baixo. A noite tinha ido de um sonho realizado à um pesadelo. Tony beijando-a. Tony furioso e a insultando. Tony trazendo sua namorada ao apartamento para humilhá-la. E agora, Tony atirando em outro homem num espaço de segundos sem hesitação, com olhos tão frios que nem pareciam vivos. Millie olhou para baixo e viu minúsculas gotinhas de sangue em seu sobretudo. O sangue do assassino.

Ela o tirou, com movimentos irregulares, e o deixou cair rapidamente no chão. Millie tremeu. O trabalho de Tony tinha parecido de outro mundo para ela até esta noite. Agora entendia o quão mortal ele era, o quão perigoso ele era. Seus olhos foram involuntariamente para a figura humana dobrada no chão de seu quarto, com manchas escuras crescendo ao redor. Ela tremeu novamente. Só tinha visto pessoas mortas em caixões. Aquilo era nauseante. Apavorante. Millie percebeu que poderia ser seu próprio corpo deitando no chão daquele jeito, se não fossem as habilidades sombrias de Tony.

Tony soltou uma silenciosa respiração.

— Eu sinto tanto, — disse. Ele tirou um xale de crochê da poltrona e colocou ao redor dela.

— Eu nunca quis que esta noite terminasse assim.

Millie tremeu novamente. Ela não respondeu a Tony, nem mesmo olhou para ele.

As pessoas iam e vinham. Uma equipe de investigadores da cena do crime andava pelo apartamento numas engraçadas sapatilhas azuis, usando máscaras e luvas, tirando amostras de tudo, levantando impressões digitais, ensacando evidências. Se Millie não estivesse tão traumatizada, teria adorado observar o processo que só tinha visto nos dramas da televisão.

Durante tudo isso, Tony permaneceu com o detetive, assistindo e comentando. A um certo ponto, Tony voltou até ela com formulários de declaração e perguntou se ela se sentia bem para escrever o que tinha acontecido quando chegara em casa. Ela acenou com a cabeça como um zumbi, pegou uma caneta e começou a escrever. Tony preencheu seu próprio formulário do outro lado da sala, só para ter certeza que o tenente soubesse que ele não estava combinando a história com Millie.

Horas mais tarde, muitas horas mais tarde, a polícia e a equipe do médico-legista partiram com o corpo.

— Você não pode ficar aqui, — Tony lhe disse tranquilamente. — Não depois do que aconteceu.

Houve uma batida na porta. Tony a abriu e Frank entrou.

— Acabei de sair do trabalho, — ele disse, hesitando quando Millie levantou num saltou do sofá e se lançou em seus braços. Ela chorou como se todas as lágrimas do mundo de repente estivessem jorrando dela. Se agarrou ao Frank, soluçando de forma incoerente. Ele a segurou, batendo levemente em suas costas, enquanto Tony assistia com angústia. Ele não precisava perguntar por que ela de repente estava tão animada com outro homem. Ela vira Tony atirar em um homem. Sua profissão de repente ficou clara como cristal para ela, e ela tinha medo dele agora. Era um sentimento miserável.

— Você não pode ficar aqui, — Frank lhe disse suavemente. — Você pode ficar com minha mãe. Eu já falei com ela sobre isto.

— É tão... tão gentil da parte dela, — Millie disse num tom sufocado, enxugando os olhos com a parte de trás de sua mão.

— Ela gosta de você. Não se preocupe em empacotar nada, — ele acrescentou depressa quando ela olhou, horrorizada, para a fita escrita "*cena de crime*" na porta de seu quarto. — Ela vai te emprestar um vestido. Vamos.

— Ok. — Ela segurou na manga dele. Millie mal olhou para os olhos penetrantes de Tony.
— Obrigada por salvar minha vida, — ela disse, como uma criança recitando uma linha que seus pais a mandaram dizer.

— Por nada, — ele respondeu em um tom frio. Estava mais abalado do que deixava transparecer. Tinha apenas matado um homem. Não era a primeira vez. Entretanto, nunca tinha se visto através dos olhos de um inocente. Millie não conseguia nem mesmo olhar mais para ele. Tony se sentiu menos que humano.

Frank percebeu aquilo.

— Te ligo mais tarde, — ele disse a seu amigo, sabendo que Tony ainda estaria acordado não importa o quão tarde fosse.

Tony deu um longo suspiro.

— Certo.

Frank arrastou Millie para fora da porta com ele. Ele a deixou aberta. Tony permaneceu lá, observando-os até que estivessem fora de vista.

TONY VOLTOU PARA o hotel, mas não dormiu. Ainda estava acordado, tarde, naquela manhã, então pediu o café da manhã e se sentou para comer quando ele chegou. Ligou para Frank enquanto tomava sua segunda xícara de café preto forte.

— Como ela está? — Perguntou a seu amigo.

— Abalada, — ele respondeu. — Não conseguia parar de falar em como o homem entrara no seu apartamento tão facilmente, mesmo antes dela ter tempo de tirar seu sobretudo. Millie imaginou que ele a estava observando e a seguiu até em casa.

— Seria minha suposição, também.

Algo no tom de Tony era familiar para o homem que o conhecia há tantos anos.

— Você nunca se acostumou de verdade em atirar nas pessoas, não é? — Ele perguntou.

Tony suspirou.

— Não. Faz parte da descrição do trabalho, eu acho, mas nos últimos anos tenho sido mais um planejador que um participante. Faz muito tempo desde que tive que abater um assaltante.

— Você tem muito coração e muita consciência para a linha de trabalho na qual está, — Frank disse de maneira direta. — Você precisa considerar uma mudança, antes que fique tão velho que te aposentem. Imagine ter que viver de uma pensão do governo, — ele acrescentou, e riu suavemente.

Tony riu, também, mas seu coração não estava nisto.

— Seu amigo tenente tem mais alguma coisa a dizer sobre ontem à noite? — Ele perguntou.

— Sobre o assassino, você quer dizer? Ele conhecia o sujeito, na verdade. Tinha escapado de duas acusações de homicídio, só no último ano. Em um deles, atirou em uma mulher grávida, matando ela e a criança. O engraçado é que as duas testemunhas morreram em estranhos acidentes, mais ou menos uma semana antes de irem testemunhar contra ele. Disse que o cara faria qualquer coisa por dinheiro, e que não fora nenhuma perda.

— Ele ainda era um ser humano, — Tony disse em um tom melancólico e quieto. — Tinha uma família que deveria tê-lo amado, pelo menos quando era pequeno. Tinha uma mãe...

— Ele a empurrou da escadaria e a matou quando tinha oito anos, — Frank disse pensativo.
— Estava em seu registro juvenil. O psiquiatra avaliou que fora um acidente terrível e não devia ser atribuído contra o pobre órfão.

— Você está brincando comigo!

— O psiquiatra foi processado mais tarde pela família da vítima.

— Não me admira.

— Então pare de bater em sua consciência até a morte, — Frank aconselhou. — Eu gostaria de te contar sobre meu novo trabalho.

— Em Dallas, eu suponho. Angel esteve aqui... — Ele parou mortificado. Aquele tinha sido um deslize que não devia ter cometido.

Houve uma longa pausa.

— Então é por isso que Millie foi para casa sozinha, hein? — Frank perguntou, e num tom diferente de voz. — Deixa eu adivinhar... você forçou a barra com a Millie, ela fugiu, você chamou Angel para vir te acalmar de forma que Millie conseguisse ouvir tudo e visse o que tinha perdido.

— Maldição! — Tony murmurou. Frank o conhecia até os ossos, e ele não gostava disto.

— Ela é virgem, seu idiota! — Frank rosou. — Esse tipo de mulher não entra de cabeça num relacionamento de uma noite. Ela acredita que isto é pecado.

— Tá, tudo bem, eu não estava exatamente pensando com clareza naquele momento! — Tony atirou de volta.

— Agora você está, e estragou tudo, — Frank o avisou. — Ela não quer te ver outra vez, nunca mais.

Tony sentiu como se seu coração fosse abatido por tijolos.

— É. Eu imaginei mais ou menos que seria assim que ela se sentiria.

— Um dia, você vai se apaixonar por uma mulher. Eu espero, pro seu próprio bem, que ela não te trate do modo que tratou Millie, — Frank respondeu. — Ela é especial.

— Eu presumo que ela se casará com você e viverá feliz para sempre, né? — Tony perguntou sarcasticamente.

— Bem que eu queria, — Frank suspirou. — Por que acha que estou me mudando para Dallas? Estou ficando doente por sofrer em silêncio por Millie.

— Você poderia tentar bombons, flores e música suave, — Tony respondeu, tentando soar despreocupado.

— Eu tentei de tudo. Ela me disse uma vez que não se pode fazer as pessoas te amarem, — Frank acrescentou amargamente. — Ela estava certa. Então decidi aceitar a derrota e parar de perder o meu tempo.

— Ela não terá mais ninguém com quem conversar, — Tony disse tranquilamente. — Ela não se entrosa bem. Ela nunca teve uma amiga de verdade em quem pudesse confiar. Millie não deixará as pessoas se aproximarem dela.

— Você não sabe muito sobre ela, não é? — Frank perguntou.

Tony hesitou.

— Para falar a verdade não.

— Seu pai era um valentão, trabalhava em plataformas de petróleo. Quando voltava pra casa, bebia. Excessivamente. A mãe de Millie tentou deixá-lo, mas ele mantinha Millie com ele e ameaçava cortá-la se sua mãe não voltasse. Ela ficava muito assustada com ele para não fazer o que lhe dizia. Toda a infância de Millie foi um terror total, com medo de confiar alguém. Foi quase um alívio, ela me disse, quando ele morreu de ataque cardíaco. Ela e sua mãe finalmente tiveram um pouco de paz, mas era tarde demais para Millie reformular seu caráter. Hoje em dia ela não confia em ninguém. E especialmente não depois do que John fez com ela. Foi como se fosse seu pai tudo de outra vez, só que pior.

Tony se sentiu ainda mais envergonhado.

— Ela nunca me contou.

— Por que contaria? Tenho certeza que ela sabia que você não estava interessado nela.

— É.

Houve outra longa pausa.

— O que vem a seguir na sua agenda? — Frank perguntou.

— O quê? Oh. Eu tenho uma missão além da fronteira. Muito confidencial.

— A maioria delas é. — Frank deu uma risada. — Bem, vou deixar meu endereço com a Angel. Você pode vir para me ver em Dallas depois do ano novo.

— Farei isto. Não terei mais nenhum motivo para voltar para San Antonio, uma vez que você se vá.

Ambos estavam falando em torno do fato que Millie ainda viveria lá.

— Você pode dizer a ela que eu sinto muito? — Tony perguntou depois de um minuto. — Quero dizer, realmente sinto muito. Eu tentei dizer a ela logo após pegar o assassino de aluguel, mas ela estava com muito medo de mim para escutar.

— E isso é alguma surpresa? A maioria das pessoas tem medo de você.

— Eu não me importo com a maioria das pessoas, — Tony disse rispidamente. — Ela passou por muita coisa. Mais do que deveria ter passado. Se eu não tivesse dado ouvidos ao John, talvez pudesse tê-la poupado de um pouco disto.

— Se.

— É. Seu tenente acha que ela não está mais em perigo, então?

— Não acha, não. Um dos informantes confidenciais dos homens dele disse que o chefe da gangue que estava guardando o dinheiro para o assassino contratado decidiu que precisava de um bom carro novo, então não passará o contrato adiante. Boas notícias para Millie.

— Muito boas. — Tony estava aliviado. Pelo menos ela estaria segura agora, de John e suas tentativas póstumas contra sua vida.

— Então você pode seguir com sua vida agora.

— Posso.

— Mantenha contato — Frank disse.

— Você sabe que eu farei isto. Vejo você por aí, meu chapa.

— Te vejo, também.

Tony se recostou e encarou inexpressivamente uma pintura de flores japonesas e personagens numa moldura na parede. Estava tudo acabado. Ele voltaria às suas missões, Millie voltaria ao trabalho, Frank começaria seu novo emprego em Dallas, e nada arrastaria os homens de volta para San Antonio outra vez. Bem, a mãe de Frank ainda vivia lá, então iria lá para vê-la, provavelmente. Mas estava querendo apostar que Frank não contactaria Millie novamente. De qualquer maneira, ele se consolou, não estava emocionalmente ligado à Millie. Tinha sido uma necessidade física, causada pela abstinência e pela proximidade. Ele superaria isto em pouco tempo.

Tony se levantou e começou a fazer as malas.

MILLIE ESTAVA DE volta ao seu apartamento. Frank tinha pedido ajuda e as pessoas que limpavam a boate vieram e lavaram o apartamento de Millie. Ele as pagara do seu próprio bolso, mas não tinha dito nada a ela.

Quando deixou a casa da mãe do Frank, Millie estava ainda se recuperando do trauma. Não estava ansiosa por ter que viver onde um homem tinha morrido. Mas quando entrou, teve uma surpresa. O quarto tinha sido reorganizado. Estava limpo, sem nenhuma mancha. Tinha cortinas novas, uma colcha nova. Parecia novinho em folha.

— Oh, você não devia ter feito isso! — Ela exclamou, sorrindo para Frank.

Ele encolheu os ombros e sorriu amplamente.

— Nós somos amigos. É pelos velhos tempos. Eu não estarei por perto por muito tempo.

— Eu sei. — Ela parecia triste. — Você gostará de Dallas. Minha mãe era de lá. Nós costumávamos ir visitar minha avó, até ela morrer.

— Vou gostar, — ele concordou.

— Isto está ótimo. — Ela olhou ao redor, tocando as cortinas, alisando a cama. Seus olhos ficaram tristes. — Tony salvou minha vida, e eu mal o agradei, — ela disse em um tom desanimado. Ela olhou para Frank, preocupada. — Sabe, ele não piscou um olho, nem por uma vez. Tony estava frio como o gelo. Nunca precisou de um segundo tiro. — Ela envolveu seus braços ao redor do corpo. — Eu nunca vi ninguém levar um tiro antes.

— É triste, a primeira vez, — Frank, um veterano de combate, respondeu.

Millie ergueu a cabeça.

— Você já atirou em pessoas.

Ele confirmou com a cabeça.

— Eu estava no Iraque, no início dos anos noventa, — ele lembrou a ela.

Ela conseguiu esboçar um sorriso.

— Não é como mostram na televisão e no cinema, — ela disse. — Ou naqueles filmes de espião, também. Aquele cara não tinha um silenciador de metal. Ele fez um com uma garrafa de refrigerante e fita adesiva.

— Silenciadores caseiros ainda fazem o serviço, — Frank disse a ela. — Ele não queria chamar atenção.

— Aquela arma do Tony tem o barulho de um canhão, — ela recordou. — O corredor estava cheio das pessoas quando fomos embora, todas tentando entrar para ver os investigadores da cena do crime trabalhando. Queria ter prestado atenção. Estava muito abalada.

— Tony também, — Frank respondeu. — Independente do passado do assassino contratado, ele ainda era um ser humano. Tony costumava passar por algum tipo de ritual de purificação. Ele não vai chegar perto da reserva na Carolina do Norte, mas tem primos do seu clã em Oklahoma. Tony anda na companhia de alguns deles. Eles constroem uma "Tenda de Suor" e o ajudam a conseguir atravessar a dor e angústia emocional.

Millie estava fascinada.

— Eu nunca soube disto. Nem sua mãe de criação, eu presumo, porque ela não disse nada sobre isto.

— Ela não sabia, — ele disse simplesmente. — Tony não queria que ela soubesse o que o seu trabalho realmente envolvia. Ele lhe disse que trabalhava para o governo, e ela imaginou que significava que ele trabalhava atrás de alguma escrivania.

— Tony a protegeu, — ela disse.

— Exatamente.

Ela voltou para a sala de estar silenciosamente, seus olhos no sofá onde Tony a tinha colocado tão gentilmente depois do tiroteio. Ele tinha sido encorajador, protetor, lhe dera apoio, e ela tinha virado as costas e se afastado dele. Isso deve ter machucado, especialmente quando ele tinha atirado em um homem para salvar sua vida.

— Tony pediu pra te dizer que sentia muito, — Frank lhe disse.

Millie olhou rapidamente para ele.

— Ele não precisava se sentir assim.

— Sobre Angel, — ele enfatizou.

Ela ruborizou-se.

— Oh! A mulher espetacular.

Frank franziu a testa.

— Como é que é?

Ela de um longo e resignado suspiro.

— Você sempre o apresentava para as garotas que trabalhavam no clube, — ela recordou com um sorriso triste. — Aquelas eram seu tipo de mulheres. Ele me disse. Tony não queria amarras, nunca.

— Ele pode querê-las um dia.

— Não é da minha conta, — ela disse tranquilamente. — Ele a trouxe ao seu quarto para me mostrar o quão pouco eu significava para ele. Não era necessário. Eu já sabia disto. — Ela se virou para Frank e riu brevemente. — Sou bibliotecária. Isso já não diz tudo?

Frank olhou de cara feia.

— Se você se lembra, aquela garota no filme da múmia era bibliotecária. Ela era uma heroína forte e vigorosa também.

— Eu não, — Millie suspirou. — Obrigada por tudo, Frank, — ela acrescentou, ficando nas pontas dos pés para beijar sua bochecha bronzeada. — Vou sentir sua falta.

Frank olhou para ela com angustiado desejo, que rapidamente escondeu. Ele deu um largo sorriso.

— Sentirei a sua falta também, criança.

CAPÍTULO 6

SEMANAS SE PASSARAM. O dia de ação de graças passou como um flash, e de repente já era quase Natal. Millie deu uma parada numa vitrine de uma loja de departamentos quando desceu do ônibus municipal no seu ponto. Estava lindamente decorada numa maneira antiquada, com neve artificial, árvores e montanhas, e um clássico trem Lionel correndo pela paisagem. Millie amava trens elétricos. Um dia, se alguma vez pudesse dispor de um maior apartamento, ela se prometeu que iria comprar um, e o colocaria para funcionar todo Natal.

Estava frio, mesmo em San Antonio. Ela apertou seu casaco pra mais perto de si. Era um casaco novo, uma extravagância, mas não conseguiria suportar vestir o velho outra vez, nunca mais, mesmo com os respingos de sangue removidos. Ela dera o casaco para a caridade.

Millie se perguntou como Frank estava passando. Ele já mudara para Dallas. Ele telefonou para ela e disse que gostava de seus novos colegas, e achava que iria adorar o trabalho. Sentia falta de San Antonio, entretanto, ele acrescentou.

Dallas era ousada e cosmopolita, uma vasta cidade com arquitetura singular, futurística. San Antonio ainda retinha seu charme histórico. Também era menor. Mas o que ele realmente queria dizer era que sentia falta de Millie. Ela sentia muito por não poder gostar dele como ele gostava dela. Apesar de tudo, mesmo depois de seu comportamento cruel, ainda era Tony que morava em seu coração.

Tony. Ela puxou o casaco ainda mais perto enquanto caminhava calçada abaixo em direção ao prédio de seu apartamento. Ela imaginou que ele estivesse fora em algum lugar exótico com alguma nova mulher espetacular, se divertindo. Era um tipo de vida moderno para a maioria das mulheres nos dias atuais, passar rapidamente de um parceiro sexual para o próximo sem sentimento de obrigação ou permanência. O cinema refletia isto. A televisão e os livros também. Mas Millie era uma romântica. Vivía em um passado onde os homens e mulheres se abstinham antes do casamento, onde a família importava, onde duas pessoas conheciam uma a outra como ser humano individual bem antes de se conhecerem fisicamente. Naquele mundo, Millie vivia. Ela devorava livros de romances com personagens que compartilhavam suas visões antiquadas da vida e sociedade. E daí se fosse só fantasia. A qualidade carnal dos relacionamentos na vida real era tão vazia como a lata de lixo de um escritório no domingo. Vazia e triste. Como a vida de Tony.

Por causa de todas as suas aventuras, ele nunca conheceria a alegria de segurar um bebê em seus braços e ler para seu filho na hora de dormir; assisti-lo crescer, aprender e rir. Millie queria tanto ter filhos que era quase doloroso para vê-los com seus pais nas lojas e saber que nunca experimentaria aquele prazer singular. Frequentemente voltava a pensar naquela noite no quarto de hotel do Tony quando ela escolhera a virtude acima da experiência, e se perguntava o que poderia ter sido se não o parasse. Talvez houvesse uma criança, e poderia tê-la tido em segredo e Tony nunca teria tomado conhecimento. Deixava-a triste pensar sobre isto. Ela poderia ter amado a criança, mesmo que Tony não a deixasse amar a ele.

Millie realmente adorava seu trabalho. Ela tinha que ler para as crianças lá. De fato, na véspera de natal a biblioteca abria para um orfanato. Os voluntários se juntavam para dar presentes para as crianças. Os voluntários também liam histórias para as crianças. Era um novo programa que a biblioteca apenas acabara de instituir, e estavam esperando que seria um sucesso. Millie estava esperando ansiosamente por isto. Usaria seu chapéu de Papai Noel vermelho e um vestido vermelho, e por uma noite poderia fingir que era uma mãe. Era o único jeito, ela pensou melancolicamente, de alguma vez ser uma.

UM REPÓRTER DE um jornal apareceu com uma máquina fotográfica e um notebook para cobrir o evento. Várias outras pessoas estavam tirando fotos com suas câmeras de celular e filmadoras, provavelmente para postar na Web. Millie estava se divertido como nunca se divertiu

com duas garotinhas em seu colo. Estava lendo a história do "*The Littlest Angel*" para elas. Tinha sido sua favorita quando era criança. A julgar pelas expressões nos rostos destas pequenas crianças, estava se tornando a favorita delas também.

Millie não estava ciente de um movimento na entrada da biblioteca. Um homem grande num casaco de casimira marrom claro e um terno estava lá de pé, observando a atividade. A visão de Millie com aquelas garotinhas apenas reforçou um pensamento que ele estivera abrigando há algum tempo — que ela seria uma mãe maravilhosa.

— Tudo bem se eu ficar aqui? — Ele perguntou a uma mulher usando um crachá que estava parada perto dele.

Ela ergueu os olhos em direção àqueles olhos grandes pretos em um rosto ameaçadoramente bronzeado, rodeado por um cabelo ondulado preto em um rabo-de-cavalo. Ela sorriu.

— Claro, — ela disse. — Você conhece uma das crianças?

Tony sacudiu a cabeça.

— Eu conheço a dama que está lendo para eles, — ele corrigiu. — Somos amigos há muito tempo.

— Senhorita Evans, você quer dizer. — acenou com a cabeça. Ela sorriu tristemente. — Ela passou por um momento muito ruim nos anos recentes, sabe, especialmente quando aquele homem tentou matá-la. Mas está muito melhor agora.

— Sim.

— Você pode entrar, se quiser, — ela acrescentou. — Nós convidamos o público para participar. Na verdade, — ela acrescentou, — esperamos que as crianças possam formar algumas ligações aqui que as beneficiem. Doadores são sempre bem-vindos. E poderia haver uma oportunidade de adoções também.

Tony franziu as sobrancelhas.

— Eu espero que você tenha separado e classificado os homens.

Ela fez uma careta.

— Eu sei o que você quer dizer, — ela disse suavemente. — Não, isso não teria sido possível, eu temo. Mas têm dois oficiais de polícia disfarçados lá, — ela acrescentou com uma risada. — Então se alguém tiver intenções desconfortáveis, terá uma grande surpresa.

Tony sorriu amplamente.

— Bem pensado!

Ela riu. Ele era um homem muito agradável.

— Por que você não vai e fala com a Srta. Evans? Ela tem estado muito triste nas últimas semanas. Eu a encontrei chorando no banheiro feminino, logo após voltar ao trabalho. Depois do tiroteio, você sabe. Ela disse que tinha estado tão envolvida nela mesma que tinha desapontado alguém que era muito próximo à ela. — Ela ergueu o olhar ante a expressão dele. — Não seria você, seria?

Seu peito largo subiu e desceu.

— Eu a desapontei, — ele disse em voz baixa.

Ela bateu levemente em seu braço grande.

— A vida é sobre redenção, — ela disse suavemente. — Vá fazer as pazes.

Ele lhe deu um largo sorriso.

— Você não estaria no mercado disponível para um marido, eu presumo? — Ele provocou.

Ela riu jovialmente. Tinha setenta anos, como se isso fosse possível! Seu cabelo branco reluzia na luz sobre sua cabeça. — Saia daqui, seu patife!

— Sim, Madame.

Tony alcançou Millie no exato momento em que ela concluía a história e beijava as bochechinhas.

— Vão pegar um pouco de bolo e ponche agora, — Millie disse a elas, colocando-as cuidadosamente de volta no chão.

Elas riram e a beijaram de volta. Eram lindas garotinhas. Uma tinha cabelo e olhos preto-azeviche, a outra era ruiva. Elas deram as mãos a caminho da mesa de guloseimas.

Millie estava sorrindo atrás delas quando uma sombra caiu sobre ela. Ela olhou para cima dentro do rosto de Tony e prendeu a respiração.

Ele ajoelhou em frente a sua cadeira.

— É, — ele disse profundamente, procurando os olhos verdes através das lentes de seus óculos. Ela não estava usando lentes de contato esta noite. — É como eu me sinto quando vejo você, também. Tira o meu fôlego.

Ela não teve tempo suficiente para proteger sua resposta. Estava tão feliz por vê-lo que começou a corar, resplandecendo de satisfação.

— Eu não esperava ver você, — ela disse.

— Não? — Seus olhos escuros sorriam. — Eu me afastei até achar que tinha dado a você tempo suficiente para se recuperar do que eu fiz.

— Você salvou minha vida, — ela protestou. — Eu mal o agradei por isto.

— Você fica bem com criancinhas no seu colo, — ele disse tranquilamente. — Natural.

— Eu gosto de crianças.

— Eu também.

Millie procurou algo para dizer.

— Por que você está aqui?

— Porque você está aqui, e é Véspera de Natal, — ele disse.

Ela não entendeu.

— Mas como você me encontrou?

— Eu trabalho para o governo, — ele assinalou. — Sei como encontrar qualquer pessoa.

Aquilo a lembrou do tiroteio, o que trouxe de volta imagens perturbadoras.

— Eu estou fazendo trabalhos administrativos na maior parte do tempo estes dias, — ele disse depressa. — Não tenho que usar uma arma. Aquela noite... — Ele parecia atormentado. — Eu não tive escolha, — ele começou.

Millie colocou a mão sobre a boca dele.

— Eu sinto muito! — Ela disse roucamente. — Eu sinto tanto. Não queria te fazer sentir culpado sobre o que você fez. Se você hesitasse, nós nem estaríamos tendo esta conversa!

Tony pegou seu pulso e beijou a palma da mão dela de forma esfomeada.

Sua respiração se prendeu novamente ante o desejo que o toque dele acendia nela.

Ele viu isto. Seus olhos escuros começaram a arder com puro brilho.

Por longos segundos, eles apenas encararam um ao outro, cegos aos olhares divertidos e conversas abafadas.

— Você pode ir lá fora e se sentar no carro comigo por um minuto? — Ele perguntou, limpando a garganta.

— Acho que sim.

Tony se levantou e a puxou para cima com ele. Esperou enquanto ela entrava em seu casaco e falava com a senhora de cabelos brancos com quem Tony estivera flertando. A mulher de idade avançada deu a Tony um sinal com os polegares para cima sinal por trás das costas de Millie e ele riu.

— O que foi aquilo? — Millie perguntou enquanto saíam pela porta da frente.

— Estou pensando em ter um *affaire* com aquela senhora que você acabou de falar, — ele disse com um sorriso descarado. — Ela é uma graça.

— A Sra. Mims, você quer dizer? — Ela riu. — Ela não é?! A Sra. Mims é presidente do nosso "Amigos Da Biblioteca". Antes de se aposentar, era repórter investigativa.

— Incrível! — Ele viu algo no rosto de Millie que o deixou curioso. — O que ela faz agora?

— Ela escreve romances de mistério, — lhe disse. — Muito bem sucedidos.

— Eu devia conversar com ela. Conheço um monte de mistérios. — Ele franziu as sobrancelhas. — Bem, a maioria deles é confidencial. Mas eu podia lhe dar algumas dicas.

— Ela iria adorar.

Tony destrancou a porta do carro alugado, um luxuoso, e ajudou Millie a entrar no banco de passageiro. Ela estava alisando o painel de madeira quando ele entrou do outro lado.

— Você realmente viaja com estilo, — ela refletiu.

— Eu posso dispor disso. — Ele ligou a luz do teto e puxou algo para fora de seu bolso. — Eu tenho pensado bastante sobre minha vida, — ele disse enquanto a encarava, com um braço sobre a parte de trás do assento individual dela. — Estive sozinho e gostava disto. Tive breves romances, e gostava disso, também. Mas estou ficando mais velho. Estou cansado de viver sozinho.

Millie mal estava respirando enquanto se sentava, encantada, olhando fixamente para dentro daqueles olhos pretos com aflita esperança.

Ele estendeu a mão e tocou em sua boca suave com as pontas do dedo, amando o jeito que os olhos delas se fecharam e sua respiração saiu aos solavancos enquanto ele fazia isto.

— Oh, inferno, o resto pode esperar um minuto. Venha aqui!

Ele a arrastou sobre o console para dentro de seus grandes braços e a beijou de forma tão esfomeada que Millie realmente choramingou com ardente desejo.

A respiração dele se prendeu ante o som. Seus braços se contraíram. Sua boca se abriu sobre os lábios dela, sua língua penetrando, seu próprio gemido subjugando o dela no silêncio quente e urgente que se seguiu.

Depois de um minuto, Tony estremeceu e pegou os braços dela. Ele a colocou de volta em seu próprio assento com visível relutância. Estava quase estremecendo com a força de sua necessidade. Millie estava tão instável que caiu com as costas contra a porta, sua boca inchada, seus olhos selvagens e suaves, tudo ao mesmo tempo.

— Minha mãe de criação era como você, — ele conseguiu dizer. — Antiquada e cheia de princípios que parecem ser uma piada no mundo moderno. Mas acontece que eu gosto disso. — Ele apalpou o bolso procurando por uma caixa de jóias cinza. Ele a colocou nas mãos de Millie e a fechou ao seu redor. — Abra.

Ela se atrapalhou tentando conseguir abrir a tampa. Finalmente Tony teve que ajudá-la — não que as mãos dele estivessem muito mais firmes.

Lá, na caixa, estava um conjunto de anéis. Tinha um solitário de esmeralda de ouro amarelo com toques de diamante, e uma aliança de casamento de ouro com diamantes e esmeraldas alternadas.

— Eles são lindos, — ela sussurrou. Talvez estivesse sonhando. Sim. Provavelmente era isto. Ela beliscou seu próprio braço e deu um salto.

— Você não está sonhando, — ele disse, divertido. — Mas eu tive minha parte nisto, desde que eu estraguei as coisas no meu quarto de hotel. — Ele fez som de assobio. — Aquele foi o maior escape que você já conheceu, garota. Se você não tivesse começado a protestar, não conseguiria ter parado. Eu nunca tinha perdido o controle assim em toda minha vida, nem mesmo quando era adolescente.

Tudo veio à cabeça dela, exceto a última frase.

— Sério?

— Sério. Você é uma coisinha ardente.

— Eu? — Ela perguntou, surpresa. — Mas eu não sei nada.

Tony deu um largo sorriso, bem devagar.

— Sim. Essa é a coisa excitante.

Millie corou. Ele riu quando viu a cor em suas bochechas. Estava pensando que coisa rara era aquela. Não conseguia parar de pensar em como tinha sido com ela, naquela cama de hotel. Mesmo a memória fazia seu sangue correr quente.

— Eu fiz coisas ruins na minha vida, — ele disse depois, muito solenemente. — Gosto de pensar que os fiz à serviço de meu país, para proteger nosso estilo de vida. Era um trabalho excitante e lucrativo. Mas eu guardei muito dinheiro, e consegui domesticar a tendência selvagem em mim um pouco. — Ele hesitou. Era um trabalho muito difícil colocar isso em palavras. — O que eu estou tentando falar... quer dizer, o que eu estou tentando perguntar...

— Eu me casaria com você mesmo se tivéssemos que viver em uma cabana no meio da lama em um pântano com dez milhões de mosquitos! — Ela interrompeu.

Tony prendeu a respiração.

— Millie!

Ele a agarrou novamente e a beijou por tanto tempo, e tão intensamente, que as janelas ficaram todas embaçadas. O que foi provavelmente uma coisa boa. Porque quando surgiu uma batida na janela, eles não estavam em nenhuma condição de serem vistos.

Eles se separadamente com dificuldade, arrumando as roupas no lugar, tentando parecer normal.

Tony desceu o vidro da janela, com uma expressão cuidadosamente tranquila que não combinava em nada com a mancha de batom em sua boca e seu rosto, sua camisa branca desesperadamente manchada, a gravata meio-desfeita e a camisa desabotoada.

— Sim? — Ele disse polidamente.

A mulher de cabelos brancos se dobrou de tanto rir.

Ele olhou de cara feia, tentando se arrumar. Nos anos futuros, a história seria contada e recontada por ambos os parceiros.

— Eu só queria dizer... — ela sufocou, tentando parar de rir tempo o suficiente para ser coerente, — que vamos abrir os presentes, e as garotinhas... gostariam que Millie ajudasse a abrir os delas.

— Já vamos entrar. Nós só estávamos tirando anéis de caixinhas e dando uns amassos, — ele disse, brincalhão.

Ela murmurou que lhe parecia ser uma boa ideia colocar os anéis e as palavras saíram de algum modo legal, e bem depressa. Então ela riu um pouco mais e foi embora.

Tony deslizou o anel de compromisso no dedo de Millie e a beijou.

— Não vamos conseguir surpreender seus colegas, — ele refletiu. — Eu imagino que a Sra. Perry Mason lá terá avisado o grupo inteiro quando voltarmos para dentro.

— Eu não me importo, — ela disse timidamente.

Tony estava perdido no sorriso dela.

— Nem eu, — ele disse.

Então ele teve que beijá-la outra vez. Mas conseguiram voltar para a biblioteca antes que todos os presentes fossem abertos, para uma visível e descarada rodada de risadas que somente os adultos no grupo entenderam de verdade.

ELES PASSARAM O dia de Natal juntos conversando sobre o futuro entre os beijos. Tony lhe oferecera um casamento na igreja, mas os dois decidiram que isso provavelmente podia esperar até que tivessem mais do que um amigo para pedir que viesse. Enquanto isso o escritório do juiz do tribunal de sucessões local se ajustava muito bem, com um advogado que estava procurando uma certidão de nascimento e um oficial de cartório do juiz como testemunhas.

Tinha sido Tony quem recusara a fazer mais que algumas carícias vigorosas antes do casamento. Queria que Millie tivesse as coisas exatamente do jeito que ela desejava, ele explicou. Então eles esperariam.

Contudo, no minuto que alcançaram o apartamento de Millie, que era mais perto que quarto de hotel dele, eles estavam se despindo ao mesmo tempo em que Tony trancava a porta. Eles nem mesmo foram para o quarto. Millie teve sua primeira experiência intensamente íntima no chão atapetado de seu apartamento, e nem sentiu o tapete queimar até que ela e Tony estivessem deitados enroscados, cheios de suor debaixo da suave luz do teto do corredor.

— Uau! — ele conseguiu dizer.

— Oh, sim, — Millie sussurrou enquanto a batida de seu coração ameaçava cravá-la no chão.

Tony esticou seus músculos cansados, rindo quando eles formigaram, com câibras.

— Inferno! — Ele murmurou. — Eu realmente tentei chegar ao quarto...

— Eu não me importo, — ela disse em um tom quase ronronando com satisfação. — No chão, de pé, no banheiro... eu nunca sonhei que me sentiria assim!

Ele rolou sobre ela, de forma que pudesse olhar em seus suaves olhos verdes. Os óculos e as roupas dela estavam espalhados ao redor deles.

— Machuca, a princípio.

— Machuca? — Ela perguntou, surpresa. — Eu nem mesmo notei.

— Você se sobressaltou, — ele refletiu, roçando sua boca quente sobre os lábios inchados dela. Tony deu uma risada de leve. — Mas eu sabia o que fazer sobre isto.

Millie enrubesceu quando recordou exatamente o que ele fizera sobre isto.

Tony alisou com a boca a carne suave, lisa, quente.

— Eu estou ainda vibrando, — ele murmurou. — Foi como fogos de artifício explodindo!

— Sim. — Ela ergueu as mãos e o puxou para baixo, ao seu encontro, amando a sensação de seu peito musculoso e cabeludo sobre seus seios nus. O contato a eletrizou. Ela se arqueou para cima, pegando as pernas dele com as suas, as enroscando, dando um puxão esperançosamente.

— Pode ser que machuque, — ele sussurrou.

— Pode ser que não, — ela sussurrou de volta, tocando nele tímida, mas corajosamente.

Tony gemeu. Depois disto, não estava em nenhuma condição de protestar.

MILLIE TEVE QUE se sentar muito cuidadosamente. Tony notou e seus lábios franzidos sorriram, lembrando-a da restrição que tentara exercer.

— Você insistiu, — ele acusou.

Ela fez uma careta.

— Sim, mas agora eu sei das coisas. — Ela lhe deu um largo sorriso mesmo assim. — Valeu à pena.

Ele riu alto.

— Sim, valeu. Você está com fome?

Suas sobrancelhas se curvaram.

— Estou.

Tony entrou na cozinha e começou a examinar os armários e a geladeira. Ele riu.

— Eu posso ver que você não é imparcial à comida Italiana.

— Eu amo. Mas você não é italiano.

— Estou longe de ser. Apenas tenho aquele último nome, desde que minha mãe se casou com o diabo. — Ele franziu as sobrancelhas. — Eu devia tê-lo mudado, eu acho. Mas aquele FDP que a engravidou nunca a teria deixado usar seu nome, e eu não o quero também. — Ele encolheu os ombros. — Não há nada de errado com um nome italiano. Confunde as pessoas que acham que conhecem minha origem. — Ele olhou rapidamente para ela. — Eu gosto de confundir as pessoas, — ele disse.

Millie se levantou e foi até ele, deslizando os braços ao redor de sua cintura, apertando sua bochecha contra toda aquela força quente.

— Eu te amo tanto, — ela sussurrou. — Eu pensei que morreria disto.

Os próprios braços de Tony se contraíram. Ele beijou seu cabelo.

— Eu não disse as palavras, — sussurrou. — Mas você deve saber que eu as sinto, bem em minha alma. Estas últimas semanas sem você tem sido um puro inferno! — Ele se curvou e beijou sua boca suave com alguma coisa como angústia. — Deus, eu amo você!

Lágrimas brotaram nos olhos dela e transbordaram. Posteriormente, ele apenas manteve-se segurando-a, balançando-a em seus grandes braços, enquanto saboreavam o prazer de pertencerem um ao outro.

— Estou atrasado alguns dias, agora, mas eu acabei de lembrar que não te dei nada de Natal, — ele disse de repente, perturbado.

— Sim, você deu, — ela argumentou. Olhou para ele com claros olhos verdes. — Eu ganhei você de Natal. — Ela beijou o queixo dele e sorriu amplamente. — Você é o melhor presente

atrasado que eu já tive! Meu próprio e precioso Homem da Noite Silenciosa. — Ela o abraçou pra mais perto e acrescentou travessa, — Meu próprio e precioso agente de CIA! Mas eu prometo não contar a nenhuma alma.

Tony riu de todo o coração e a estreitou em seus braços com um suspiro.

— Você é o melhor presente que eu já tive, também, preciosa. Feliz Natal.

— Feliz Natal, meu bem, — sussurrou. Ela fechou os olhos. Sob seu ouvido ouviu a batida profunda e firme do coração dele. Millie se lembrou do momento que ergueu os olhos, olhando dentro dos dele, na véspera de Natal, e da gloriosa felicidade que sentiu. Essa felicidade só tinha melhorado nos dias que se seguiram. Este tinha sido, ela decidiu, o melhor Natal de toda sua vida. Ela estava segurando sua felicidade em seus braços.

*****Fim*****

Traduzido e Revisado por:

🌸 Suelen Mattos 🌸

www.esnips.com/user/suelenmelzinha

Lotes com jazigos num cemitério (Originalmente, “plots in a perpetual care cemetery”):

Perpetual Care Cemetery é um plano onde você paga um dinheiro ao cemitério para ajudar na manutenção dos túmulos e do cemitério, tendo direito a lote(s), muito comum nos EUA.

Sala de cerimonial (Originalmente, “viewing room”):

Local destinado a um sepultamento simbólico, onde as pessoas fazem sua última despedida.



Caesar salad



Criada por Caesar Cardini em 1924, a famosa *Caesar salad* é uma salada simples, feita com alface romana servida com as folhas inteiras (para ser comida com as mãos), croutons feitos no azeite de oliva com alho, suco de limão, um pouco de molho Worcestershire, ovos levemente cozidos, azeite de oliva, pimenta-do-reino, sal e queijo parmesão ralado.

Nightingale floors (Literalmente, algo como “chão de rouxinol”):



Nightingale floors são corredores com largas tábuas de madeira antiga construídas de forma tal que cada passo sobre elas gera uma série de ruídos que lembram o canto de pássaros. O barulho funciona como um dispositivo de segurança contra invasores ou assassinos silenciosos.

Pemmican:

Pemmican é uma espécie de conserva feita de carne-seca, açúcar, passas e sebo (usada originalmente pelos índios norteamericanos).



IED (Improvised Explosive Device)

É dispositivo colocado ou fabricado de maneira improvisada incorporando substâncias químicas destrutivas, letais, nocivas, pirotécnicas ou incendiárias e projetadas para destruir, incapacitar, perturbar ou distrair. Pode incorporar artefatos militares, mas é normalmente projetada com componentes não militares. Popularmente conhecido como “*bomba caseira*”.

Macarons (Originalmente, "French pastries"):



Nascido na Itália, o *macaron* se origina da palavra *maccherone*, que quer dizer massa fina.

No século XVI, o macaron foi levado para a França pela corte de Catarina de Médicis e sua receita era mantida em segredo, atendendo apenas à nobreza.

As primeiras a fazer os biscoitinhos na França foram as irmãs do convento Saint-Sacrement, da cidade de Nancy. Após a revolução francesa, em 1789, as congregações religiosas passaram a produzir macarons fora dos conventos.

Inicialmente servido como um pequeno biscoito fino, o macaron recebeu a sua versão final no início do século XIX, quando o patissier Pierre Desfontaines – da famosa Ladurée, de Paris – uniu os dois pequenos discos, colocando cremes especiais entre eles.

Waterloo: Povoado na Bélgica, lugar da famosa derrota de Napoleão.

Tenda de Suor (Originalmente, "Sweet Lodge"):

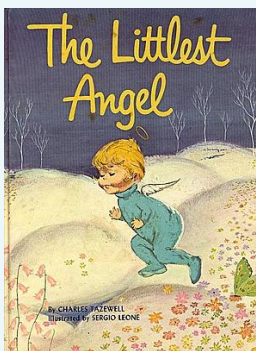


Também conhecida por "Sauna Sagrada" ou "Sweet Lodge", é parte de um ritual xamânico primitivo usado pelos povos indígenas e pelos Incas para a purificação do corpo, da mente e do espírito, de forma que um novo sentido de ser possa estar presente em nosso caminho.

É uma experiência poderosa e transformadora que pode levar o participante a um estado místico de contato profundo com a Terra, com os mistérios da sua própria natureza e da natureza divina.

Objetivos: Um ritual de purificação usando os 4 elementos da natureza, trabalhando o corpo físico - elemento terra, o universo das emoções - elemento água, o mundo da psique - elemento ar e a essência espiritual - elemento fogo.

The Littlest Angel (O Menor Anjo)



Este pungente clássico de Charles Tazewell foi publicado pela primeira vez em 1946. A história é simples e inspiradora. Um garotinho, que se tornou o menor anjo no céu, é infeliz e sente saudades de casa. Quando o Anjo Compreensivo (*Understanding Angel*) atende o pedido do menor anjo a respeito de uma caixa de tesouros que ele deixara em casa, o menor anjo fica feliz. Quando ele decide dar sua caixa de tesouros para o menino Jesus, é um grande ato de amor. Porém, teme que seu presente não seja bom o suficiente e sofre grande tristeza até Deus lhe dizer, "eu acho que esta pequena caixa é a que mais me agrada."

Perry Mason

Perry Mason é um personagem de ficção, um advogado criminalista criado por Erle Stanley Gardner, aparece em mais de 80 histórias onde Mason precisa provar a inocência de um cliente acusado de assassinato. Os livros originais venderam mais de 130 milhões de exemplares só nos Estados Unidos, até 1969, ano da morte de Gardner.



FDP (Originalmente "SOB" [son of a bitch]) - s. filho da puta (Gíria Vulgar)